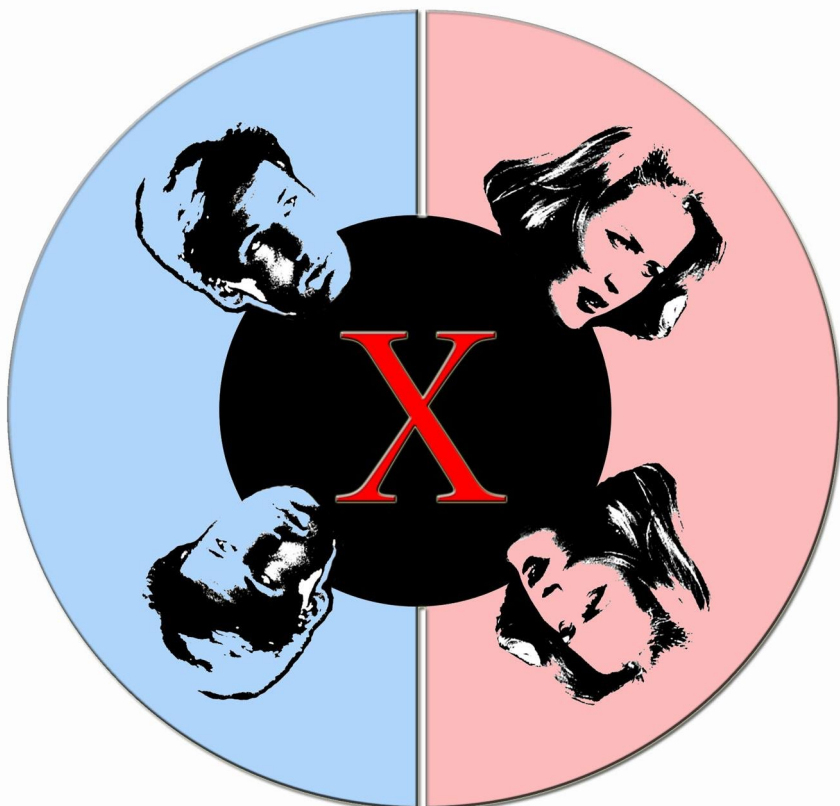


Ariadne Rengstl

ARQUIVO X ARQUÉTIPO

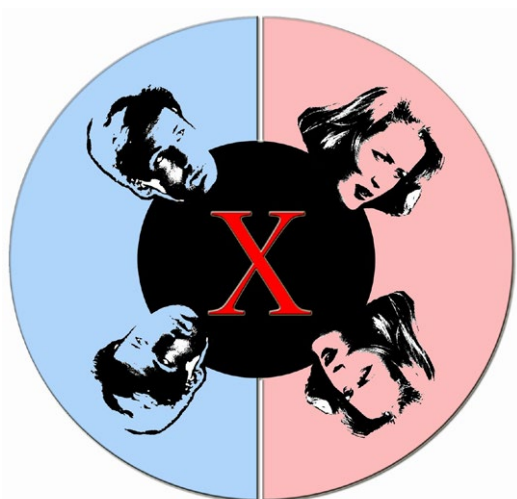
Mitos e Símbolos no Seriado Arquivo X



Ariadne Rengstl

ARQUIVO X ARQUÉTIPO

Mitos e Símbolos no Seriado Arquivo X



Marca de Fantasia
Parahyba, 2022. 2a edição

ARQUIVOS X ARQUÉTIPOS

Mitos e símbolos no seriado Arquivo X

Ariadne Rengstl

Série Quiosque, 11. 2022. 80p.



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
João Pessoa (Parahyba), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia, CNPJ 09193756/0001-79 e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães

Imagens: Edgar Franco

Conselho editorial

Adriana Amaral - Unisinos, RS	Marcelo Bolshaw - UFRN
Adriano de León - UFPB	Marcos Nicolau - UFPB
Alberto Pessoa - UFPB	Marina Magalhães - UFAM
Edgar Franco - UFG	Nilton Milanez - UESB
Edgard Guimarães - ITA/SP	Paulo Ramos - UNIFESP
Gazy Andraus - FAV-UFG	Roberto Elísio dos Santos - USCS/SP
Heraldo Aparecido Silva - UFPI	Waldomiro Vergueiro - USP
José Domingos - UEPB	

Imagens usadas exclusivamente para estudo de acordo com o artigo 46 da lei 9610, sendo garantida a propriedade das mesmas a seus criadores ou detentores de direitos autorais.

ISBN 978-65-86031-63-8



Sumário

Introdução	5
1. Inconsciente coletivo, arquétipos e mitos	7
2. Panorama geral da série <i>Arquivo X</i>	11
3. <i>Arquivo X</i> : fascínio universal	13
4. Principais personagens de <i>Arquivo X</i>	16
4.1. Agente Especial Fox Mulder	16
4.2. Agente Especial Dana Scully	18
4.3. Canceroso	19
4.4. Diretor Assistente Walter Skinner	20
4.5. Garganta Profunda	21
4.6. X	22
5. Análise dos arquétipos em <i>Arquivo X</i>	23
6. Descrição e análise dos episódios	33
6.1. Nunca mais (<i>Never again</i>)	33
6.2. Revelações (<i>Revelations</i>)	47
6.3. O repouso final de Clyde Bruckman (<i>Clyde Bruckman final repose</i>)	60
Considerações finais	73
Referências	75



Introdução

Esse estudo foi inspirado nas teorias do psicólogo suíço Carl Gustav Jung, discípulo de Freud, que desenvolveu o princípio do *Inconsciente Coletivo* e definiu a existência dos *arquétipos*. Todos possuem o potencial hereditário de conceber imagens arquetípicas, e esses arquétipos são a base das histórias mitológicas surgidas ao longo da trajetória da humanidade. Segundo Jung, os mitos – e os arquétipos presentes neles – influenciam até hoje o comportamento humano, agindo diretamente em seu inconsciente.

Os arquétipos existentes no inconsciente coletivo da humanidade levaram o homem à concepção dos mitos. Estes, tais como os sonhos, contêm uma simbologia específica que nos transmite diferentes mensagens e, se decifradas e assimiladas, nos levam a compreender melhor a existência humana. Este estudo aborda mitos e arquétipos e como sua presença na série norte-americana

de ficção científica, *Arquivo X*, pode envolver arquetipicamente o público a ponto de tornar-se um grande sucesso.

A metodologia do trabalho é baseada na análise de casos, em que são especificados o conteúdo mitológico, arquétipos e símbolos existentes em três episódios de *Arquivo X*, *Nunca Mais*, *Revelações* e *O Repouso Final de Clyde Bruckman*; além de uma análise dos principais personagens da série, quanto aos arquétipos que representam, buscando esclarecer como estes estão conectados à mente de todo ser humano, a ponto de influenciar e atrair a atenção de pessoas em todo o mundo.

Arquivo X foi escolhido como objeto de estudo devido principalmente à sua grande penetração de público, sendo um sucesso de audiência em todo o ocidente, e também pela necessidade de desvendar e compreender o que pode levar uma série de TV a conquistar a apreciação de tantas pessoas.

Inconsciente coletivo, arquétipos e mitos

O Inconsciente Coletivo foi um termo concebido pelo psicólogo Carl Gustav Jung que transcendeu os conceitos de Consciente e Inconsciente pessoais estudados por Sigmund Freud. Segundo Jung, é definido como uma zona ou faixa psíquica onde estariam as figuras, símbolos e conteúdos arquetípicos de caráter universal, frequentemente expressos em temas mitológicos. O Inconsciente Coletivo é formado por arquétipos que são um tipo de figuração de atitudes inatas – instintos.

Os arquétipos podem ser definidos como elementos semelhantes que existem no inconsciente das pessoas, mas que não são de origem hereditária. Eles aparecem na mente do homem, mas não provêm de experiências pessoais do indivíduo, portanto, não se encontra explicação para os arquétipos na vida das pessoas. Todos os seres humanos, independente de raças e naturalidade, carregam-nos em suas mentes: são formas primitivas ou inatas ao ser humano e ao mesmo tempo coletivas – por estarem presentes em todos, em qualquer época e lugar do mundo. Estas formas representam uma *herança do espírito humano* (JUNG, 1991).

O que é herdado é apenas a capacidade de produzir tais imagens e esta habilidade inconsciente possibilita ao homem formar inúmeras representações de um mesmo motivo. Um exemplo seria o mito do “paraíso”: o que foi passado de geração para geração não foi a imagem exata do paraíso, mas sim o conceito de tal lugar. Nas histórias contadas por diferentes culturas e crenças o paraíso se consubstancia em diferentes imagens, como a do Jardim do Éden, ou uma cidade de ouro, como na “idade de

ouro” do naturalismo primitivo. O arquétipo do ser supremo, ou “deus” – como o arquétipo do paraíso – acompanha o homem desde tempos pré-históricos e ainda existe em nosso inconsciente. A parte da psique – totalidade da mente, unindo consciente e inconsciente – que possui e transmite essa herança psicológica comum a toda humanidade é o chamado *Inconsciente Coletivo*.

As imagens primordiais – ou arquétipos – Jung explicou como sendo na verdade uma *tendência instintiva* (JUNG, 1991) do homem, como aquela que leva as abelhas a construírem sua colmeia. O instinto, como impulso fisiológico, pode levar à manifestação de desejos e fantasias na forma de imagens simbólicas, e a essa *manifestação* chamamos arquétipo. Desta forma, portanto, ao longo da existência do homem, os arquétipos têm criado mitos, religiões e filosofias.

Os mitos são, portanto, uma das várias representações dos arquétipos. Assim, mitos e arquétipos estão intrinsecamente conectados: o arquétipo existe no inconsciente, e a partir do momento que irrompe como imagem consciente pode originar os mitos. Partindo desse raciocínio, verifica-se que estes são representações de arquétipos.

Supõe-se, habitualmente, que numa ocasião qualquer da época pré-histórica, as ideias mitológicas fundamentais foram “inventadas” por algum sábio e velho filósofo ou profeta e, depois disso, então, “acreditadas” por um povo crédulo e pouco crítico (JUNG, 1991).

A capacidade inata do homem de produzir projeções – imagens arquetípicas – o leva a temas e símbolos mitológicos que surgem na mente humana como respostas a estímulos individuais.

Os mitos são formados por símbolos que não foram inventados intencionalmente. Para Jung, eles aconteceram. Ou seja, surgiram a partir da manifestação dos arquétipos do inconsciente, que eclodiram em sonhos e fantasias conscientes dos primitivos

contadores de história. As lendas e histórias provinham, então, das imagens arquetípicas desenvolvidas pelo inconsciente e levadas ao consciente por intermédio dos sonhos.

Estes contadores de história – que, para Jung, as novas gerações chamam poetas ou filósofos – não sabiam a origem dessas fantasias e não se preocupavam com isso. Somente na Grécia antiga, homens mais evoluídos passaram a questionar a origem desses mitos. Eles perceberam que o mito era inverossímil demais para significar exatamente aquilo que parecia dizer (JUNG, 1991). E assim como os sonhos, têm algo mais a dizer, um significado diferente daquilo que apresenta como óbvio.

Estes significados são aquilo que torna sonhos e mitos tão importantes. Para a psicanálise, a interpretação dos sonhos leva o homem à descoberta de seu ser interior, seu inconsciente. E quando o homem entra em contato direto com esse universo adormecido, aprende mais a seu respeito e encontra esclarecimentos para a vida. A função dos mitos confunde-se com a dos sonhos uma vez que ambos são formulados a partir dos arquétipos. Os mitos surgiram para guiar o homem nos caminhos da vida, uma vez que alcance a verdadeira compreensão sobre seus mistérios e símbolos. Joseph Campbell afirma que *os mitos são pistas para as potencialidades espirituais da vida humana. Conhecendo os mitos você pode se voltar para dentro, passando a captar a mensagem dos símbolos* (CAMPBELL, 1993).

Para Campbell a função dos mitos e ritos é extremamente importante pois são eles que dão exemplos para o desenvolvimento da vida humana. A mitologia envolve estágios da vida, como as cerimônias de iniciação, passagem da infância para a idade adulta, da condição de solteiro para a de casado. Todos são rituais que na verdade são ritos mitológicos, tem a ver com o novo papel que se passa a desempenhar. Os mitos das diversas culturas existem para dar ordem à sociedade. Como provêm de arquétipos do in-

consciente coletivo, os diversos mitos possuem diferentes representações, mas guardam em si o mesmo princípio – ou arquétipo. Campbell exemplifica isso com uma comparação entre a religião Católica e os mitos religiosos dos índios americanos: o ato da criação, a morte e ressurreição, a ascensão aos céus e nascimentos virginais, estão presentes em ambas e em muitas outras crenças. São temas atemporais, universais, mas as diferentes culturas lhes dão variados enfoques e, portanto, diferentes visualizações.

Panorama geral da série Arquivo X

Arquivo X evidencia-se como um seriado de suspense feito em película para a TV norte americana, criada em 1992 por Chris Carter – também diretor e roteirista de alguns episódios. A série, produzida e veiculada pela corporação *Twentieth Century Fox* foi ao ar pela primeira vez com a exibição do episódio *The X-files: pilot* (*Arquivo X: episódio piloto*), em 10 de setembro de 1993, nos EUA, e em 4 de dezembro de 1994, no Brasil.

Em 1992, quando Carter foi contratado pela *Fox*, seus interesses voltaram-se para o desenvolvimento de algo que fosse “realmente assustador”. Apesar de ter trabalhado com comédias, nos Estúdios Disney, seu objetivo agora era criar algo que se assemelhasse a programas como *Além da Imaginação* (*Twilight zone*), a suspenses de Alfred Hitchcock e filmes como *A noite do estranhalador* que deu origem à série *Kolchak e os demônios da noite* (*Kolchak: the night stalker*), levada ao ar pela rede americana ABC, nos anos de 1974 e 75 e que serviu como inspiração primordial para Carter criar sua série.

Kolchak e os demônios da noite contava as aventuras de um repórter azarado, Karl Kolchak, que irremediavelmente entrava em conflito, por acidente, com lobisomens, zumbis e vampiros. No entanto esse enredo não se sustentava, pois era baseado numa premissa “limitada”. Então, Carter buscou algo que pudesse dar sustentação a essa premissa para que seu projeto não acabasse como *Kolchak*, que parou de ser produzida após um ano de exibição. Sua ideia inicial era tratar não de vampiros e zumbis, mas sim amadurecer sua ideia sobre algo assustador envolvendo Ovnis.

Na época fora lançado um filme de suspense que teve grande sucesso de público e crítica, *O silêncio dos inocentes* (*The silence of the lambs*, 1991), cuja personagem principal, representada pela atriz Jodie Foster, é uma agente do FBI. Daí provém o uso do FBI como elo de ligação aos fenômenos paranormais. Com esses dados – suspense, Ovnis e FBI – Chris Carter amadureceu sua ideia, fez algumas modificações e concluiu que alguém no FBI deve ser encarregado de investigar casos que não são completamente resolvidos, criando assim a ideia base de seu projeto.

Assim, *Arquivo X* nasceu como a série em que dois Agentes Especiais do FBI investigam qualquer tipo de fenômeno paranormal. Um deles é cético (Dana Scully) e o outro é crédulo (Fox Mulder) devido a uma experiência pessoal que o motiva, o fato de sua irmã ter sido provavelmente abduzida por alienígenas. Eles trabalham para a divisão do FBI encarregada de investigar casos restritos e secretos, daí o nome *Arquivo X*, em que a letra “x” simboliza proibição, um símbolo utilizado nos Estados Unidos para indicar filmes proibidos, leia-se pornográficos, com a marca XXX.

Aqui os agentes procuram o fenômeno depois que outras pessoas se depararam com ele, diferente de Kolchak, que esbarrava com eles por acaso. Dessa forma os personagens ganharam mais credibilidade e o suspense cresce devido à singularidade de cada novo caso. O tema Ovní, portanto, é apenas um dos vários temas que abrange o seriado, e o fato de o próximo fenômeno investigado ser desconhecido, gera impaciência no telespectador, dando maior densidade à série.

As histórias têm uma hora de duração e são contemporâneas, tendo como campo de ação os Estados Unidos, todo seu território incluindo o Alaska e, ocasionalmente, outros países e regiões aparecem na trama, como Noruega e Ártico. A equipe técnica desenvolve o seriado em Los Angeles, mas as gravações são feitas preferencialmente em Vancouver, Canadá, onde o custo de produção é mais barato, e cujas locações assemelham-se às várias regiões dos EUA.

Arquivo X: fascínio universal

Como já citado anteriormente, os *arquétipos* personificados pelo *Inconsciente Coletivo* exercem determinado tipo de fascínio sobre os indivíduos. O poder dos mitos no cotidiano humano direciona os rumos da vida das pessoas e em consequência influencia a formação de toda uma sociedade, ideológica e politicamente, envolvendo também o interesse pelo entretenimento. Seguindo esses princípios, a série *Arquivo X* atingiu a sensibilidade do público mundial, fascinou a todos com seu conteúdo fantástico e, logicamente, atingiu o inconsciente humano que se rende a mitos com significados universais.

A mitologia presente em *Arquivo X* proporcionou a formação de um público considerável ao redor do mundo. Pessoas que se envolveram completamente por tramas de mistério e fenômenos paranormais, sem sequer perceberem que estavam sendo inconscientemente influenciadas por arquétipos e símbolos presentes no seriado.

Arquivo X foi escolhido por exercer esse grande fascínio sobre o público. O seriado tem como máxima a expressão *A verdade está lá fora* (*The truth is out there*), frase que descreve a busca incessante dos dois agentes por respostas aos fenômenos inexplicáveis. Este trabalho busca também desvendar um fenômeno, ou seja, como se deu tal fascínio que culminou com o sucesso da série e surpreendeu seus idealizadores, produtores e todos aqueles envolvidos no projeto.

Embora qualquer série de televisão tenha de vencer enormes dificuldades para alcançar o sucesso, as cartas pareciam marcadas contra Arquivo X já desde o princípio. (...) Devemos repetir que poucas pessoas poderiam ter previsto o eventual sucesso do programa, considerando as dificuldades que enfrentava (LOWRY, 1996).

Numa época em que a *Fox* se concentrava na produção de comédias como *Os Simpsons* e *Married... with children*, após uma década em que programas de ficção científica não tinham aceitação de público – salvo exceções como *Jornada nas Estrelas* (*Star Trek*) – *Arquivo X* era um candidato entre outras 37 séries, das quais 11 também eram dramas de uma hora de duração. *Arquivo X* venceu a competição junto à comédia *The adventures of Brisco County Jr.* que, acreditavam os executivos da *Fox*, seria o maior sucesso da temporada e que chamaria a audiência para assistir à nova série de ficção científica. *Arquivo X* era apresentado após *Brisco Jr.*, todas as noites de sexta-feira, um horário em que seu público potencial – jovens adultos e adolescentes – usaria com outras formas de entretenimento, mas apesar de todas as adversidades a série atropelou *Brisco Jr.* e tornou-se um sucesso instantâneo junto ao público norte-americano e mais tarde, mundial.

Mas devemos repetir que poucas pessoas poderiam ter previsto o eventual sucesso do programa, considerando as dificuldades que enfrentava. (...) No meio do primeiro ano os críticos já começaram a notar a série; a propaganda verbal espalhava-se entre os fãs, particularmente os apaixonados pela informática, que se batizaram de “XPhiles” (eXcers, no Brasil) e acendiam todos os BBS da Internet para comentar cada novo episódio; e as repetições dos programas começaram a ser mais assistidas por quantidades maiores de pessoas do que os mesmos episódios haviam atraído na sua primeira apresentação. (...) David

Duchovny, ao participar de um programa de entrevistas e ser perguntado sobre quais seriam os objetivos da série a longo prazo, declarou simplesmente: “a distribuição global” (LOWRY, 1996).

Arquivo X foi distribuído por todos os continentes, incluindo países como Japão, França, Brasil, Espanha e Alemanha, nos quais seu sucesso também gerou uma grande legião de fãs, que criaram Fã Clubes por todo o planeta, conectados pela internet e se comunicando intensamente sobre as tramas que envolviam os agentes Mulder e Scully.

O pesquisador Gillo Dorfles considera a ficção científica como um elemento artístico, expressivo e comunicativo, típico de nossa época e que pode ser entendido como um paradigma da atual situação existencial do homem, capaz de revelar tendências e expectativas. A propagação do mito, para o autor, tornou-se rara devido às modificações dos meios de comunicação – a duração e transferência de lendas, fábulas e ritos não existe mais como antigamente, e os meios de comunicação são responsáveis, pois modificam as relações comunicativas entre os homens – mas nesse novo contexto “as imagens visuais falam-nos com suficiente clareza; uma clareza que é capaz de chegar até nossos centros associativos mesmo quando não temos consciência disso” (DORFLES, 1965). Ou seja, através dos novos meios audiovisuais de comunicação, a mitologia presente, por exemplo, na ficção científica *Arquivo X* atinge o inconsciente das pessoas sem que estas percebam, resgatando arquétipos e símbolos significativos que chamam a atenção de um público carente de mitologia, uma mitologia não mais difundida socialmente, mas que perdura no inconsciente da humanidade.

Principais personagens de Arquivo X

4.1 Agente Especial Fox Mulder



O personagem Fox Mulder, representado pelo ator David Duchovny – natural de Nova York, EUA, nasceu a 7 de agosto de 1960, e tem PhD. em Literatura Inglesa pela Universidade de Yale –, é um psicólogo formado em Oxford, reconhecido como um dos melhores investigadores criminais do FBI (*Federal Bureau of Investigation – Agência Federal de Investigação dos Estados Unidos, sediada em Washinton, D.C.*). Como Agente Especial do FBI, ele investiga casos relativos ao *Arquivo X*, ou seja, casos relacionados a atividades paranormais, fenômenos inexplicáveis que necessitam dedicação especial e sigilosa. Sua obsessão por tais fenômenos deve-se principalmente ao fato de acreditar que sua irmã fora abduzida – termo que significa “raptada” no

jargão Ufológico – por alienígenas. Durante o ocorrido, ele ficou paralisado, sem poder ajudá-la, e acaba por perder a memória sobre os acontecimentos. A partir daí, ele procura a resposta para o que aconteceu com sua irmã. Torna-se especialista em fenômenos paranormais, e trava uma busca incessante para descobrir a verdade sobre tudo aquilo que a lógica não explica, desde alienígenas até feitiçaria e atividades psíquicas paranormais. Acredita que estas mesmas forças extraterrestres estejam associadas a organizações governamentais e visitem o planeta assiduamente.

É respeitado profissionalmente, mas como acredita em fatos que transcendem os padrões racionais, é visto por seus colegas como “O Estranho”, apelido que para eles caracteriza o excessivo interesse e dedicação ao Arquivo X. Mulder é um homem de mente aberta a novas experiências e, portanto, não acredita na ciência como única forma de compreender a natureza. Seus ideais o levam a procurar o intocável, aquilo que envolve a vida e não se pode ver, os mistérios que vão além da simples compreensão humana, mas que envolvem a verdade sobre o universo.

4.2 Agente Especial Dana Scully



Dana Scully, representada pela atriz Gillian Anderson – natural de Chicago, EUA, nasceu a 9 de agosto de 1968 e estudou arte dramática na Escola de Teatro Goodman de Chicago –, tem formação em medicina legal. É parceira de Mulder, auxiliando-o nas investigações do *Arquivo X*. Seus conhecimentos na área de medicina legal e patologia fazem dela uma agente respeitada e bastante útil para a investigação dos casos do *Arquivo X*.

A formação científica da Agente Scully faz dela uma pessoa cética quanto às crenças do Agente Mulder. Não compartilha, assim, das mesmas ideias do parceiro quanto aos fenômenos paranormais e crê piamente que tudo pode ser explicado pela razão científica. Seu papel é de grande importância, pois dá ao Agente Mulder um ponto de equilíbrio quanto à sua fixação pelo paranormal. Sendo disciplinada, procura seguir as normas de investigação do FBI, mas nem sempre ou quase nunca, consegue que o parceiro as obedeça. Assim acaba por burlar as regras devido à lealdade a

Mulder. Sua razão e lógica científica leva ao descrédito de fenômenos “absurdos”, ou até mesmo à comprovação de sua existência.

4.3 Canceroso



Alto, magro, usa terno, está sempre com um cigarro aceso e vive envolvido por uma fumaça viciosa que só faz acentuar seu perfil sinistro, justificando seu codinome. Representado pelo ator William B. Davis, o Canceroso desde sempre está de olho nos agentes Mulder e Scully e tudo o que envolve os *Arquivos X*. Está diretamente ligado a operações obscuras que prejudicam as investigações dos agentes. Seu papel é ambíguo: não se sabe se suas informações ajudam ou desvirtuam Mulder e Scully de seus objetivos. De um lado colabora, esclarecendo as dúvidas de Mulder, e ao mesmo tempo revela-se uma farsa, pois seus esclarecimentos muitas vezes revelam-se como mentiras, e manipula os acontecimentos para confundir os agentes. O Canceroso é uma figura influente e poderosa que detém o poder de fechar permanentemente os *Arquivos X* e conhece todos os mistérios por trás destes, ou seja, a verdade que Mulder procura.

4.4 Diretor Assistente Walter Skinner



Representado pelo ator Mitch Pileggi, o supervisor dos Agentes Mulder e Scully procura manter a ordem no Bureau fazendo com que eles se mantenham na linha, seguindo normas superiores. Skinner é exigente e rigoroso e insiste para que os agentes utilizem as técnicas de investigação convencionais – ditadas pelo manual de normas. Mas essa insistência não garante a obediência de Mulder, e os leva a constantes discussões.

Walter Skinner é contra os métodos não ortodoxos de Mulder, mas ao mesmo tempo o apóia, indo contra as leis do Bureau. Sabe que normas devem ser seguidas, mas acredita no potencial de seu agente. Assim, sacrifica algumas regras para dar certa liberdade de ação a Mulder, mas de forma velada e informal. Frequentemente recebe visitas do Canceroso, mas o relacionamento entre eles revela-se hierárquico. Skinner atende às ordens deste, mesmo que elas venham a confundir as investigações de Mulder e Scully. Devido a estas ordens superiores, Skinner certa vez chegou a fechar o *Arquivo X*, no entanto, sua autoridade permitiu que o reabrisse posteriormente.

4.5 Garganta Profunda



Fonte secreta de Mulder, o personagem representado pelo ator Jerry Hardin aparece para avisar sobre os perigos existentes na investigação dos *Arquivos X* e também para dar importantes informações que pudessem ajudar na resolução dos casos. Garganta Profunda apresenta-se também como um homem poderoso e de influência que mantém laços com uma organização internacional que investe na captura e execução de extraterrestres. Disse a Mulder que não só viu como também assassinou um ser alienígena. A mais influente fonte de Mulder morre ao salvar a vida deste (episódio “Jogo de gato e rato”, exibido no Brasil em 07 de julho de 1995).

4.6 X



O ator Steven Williams está na pele do sucessor de Garganta Profunda, um sinistro informante que está sempre nas sombras e que, sob a luz, fica sempre nervoso e tenso. Aparentemente leal a Garganta Profunda, “X” não pretende se arriscar a ponto de morrer. Devido a isso, por algumas vezes negou-se a dar informações aos agentes. É também uma figura ambígua: não se sabe exatamente se quer ajudar ou confundir as investigações dos agentes.

Análise dos arquétipos em Arquivo X

Aqui são analisados os arquétipos – associados aos mitos a que se referem – representados por cada personagem, que de modo geral, apresentam-se frequentemente nos episódios. É importante sublinhar que os arquétipos aqui identificados procuram caracterizar os personagens de forma mais abrangente, ou seja, apresentar o arquétipo universal que cada um representa, pois é possível reconhecer neles outras representações arquetípicas que dependem do enredo de cada episódio, das várias situações em que estão envolvidos.

O primeiro arquétipo identificado envolve o mito do alquimista, personificado aqui pelo personagem principal Fox Mulder. A Alquimia surgiu em Alexandria, por volta do século III a.C., numa era em que a “consciência indagadora se confrontava com o obscuro espaço do desconhecido” (JUNG, 1975). Surgiu principalmente através da mistura de três correntes do conhecimento: a filosofia grega, o misticismo oriental e a tecnologia egípcia.

O maior objetivo dos alquimistas era desvendar o segredo que envolvia a descoberta da *lapis angularis* – pedra angular ou pedra filosofal – que num sentido mais materialista era o segredo que poderia transformar qualquer metal em ouro, e pelo lado espiritual, seria o segredo que leva o homem ao conhecimento de si e das portas da transcendência pessoal, a essência miraculosa ou *opus* – obra. “O lapis é metal e não obstante, líquido, matéria e no entanto espírito, frio porém ígneo veneno que é medicamento, um símbolo unificador de opostos” (JUNG, 1975). Os alquimistas nunca concretizaram o sonho de gerar ouro a partir

de outros metais, mas partindo dessa busca, geraram grande desenvolvimento na metalurgia, nas aparelhagens de laboratório e na produção de papiros.

A alquimia era uma prática que envolvia um caráter místico, utilizando-se das Ciências Ocultas do Oriente Médio (Síria, Mesopotâmia, Pérsia, Caldeia e Egito). Fica evidente, então, o caráter científico-místico que abrange a alquimia. Ela revela-se como uma prática eclética, que utiliza diferentes caminhos para encontrar as respostas para os mistérios da vida.

Fox Mulder é o alquimista. Um agente do FBI que acredita em fenômenos paranormais – lê-se: extraterrestres, pessoas com poderes psíquicos, clones humanos, poltergeists, videntes, bruxaria etc. – cujas causas a ciência estabelecida não consegue desvendar. Ele busca provas – evidenciando o caráter científico da alquimia – mas se não as encontra, não deixa de acreditar na existência dos fenômenos inexplicáveis. Tem sua crença mística e, ao mesmo tempo, respeita a ciência, utilizando-a quando necessário. Ele é o paradigma personificado do alquimista medieval. Mulder representa o arquétipo do cientista-místico, representado tanto pelo alquimista, quanto pelo xamã ou pajé – líderes espirituais de tribos primitivas que utilizam práticas mistas, unindo também ciência empírica e misticismo na busca de curas e iluminação para seu povo.

De acordo com Jung, na busca pela natureza da matéria, o alquimista projeta seu próprio fundo psíquico, obscuro e desconhecido, naquilo que pretende explicar – *obscurum per obscurius, ignotum per ignotius*. “O obscuro pelo mais obscuro, o ignorado pelo mais ignorado”. Assim age o agente Mulder. Sua procura incessante pelo desconhecido, pelos fenômenos paranormais – cuja existência ninguém dá crédito –, representa a busca do alquimista pela pedra angular. O agente Mulder segue esse caminho projetando seu inconsciente obscuro, ou seja, tudo

o que ignora sobre o rapto/abdução de sua irmã e sobre os fenômenos paranormais, como meio de levá-lo a compreender a realidade destes fenômenos. Ele precisa de si mesmo para finalmente encontrar a verdade, a sua pedra angular.

Sonhos, visões oníricas, ilusões são fontes de revelação para os alquimistas. Mulder também segue as revelações de seu inconsciente. No episódio *Corações de papel* (*Paper hearts*, apresentado nos EUA no dia 15/12/96), por exemplo, ele sonha que um ponto de luz vermelha lhe mostra o caminho para encontrar o cadáver de uma garotinha assassinada por um *serial killer*. Este havia sido capturado por Mulder há vários anos, mas nunca se descobriu ao certo quantas vítimas fez. O agente segue as pistas de seu sonho, decifra sua simbologia e encontra o cadáver de mais uma vítima e a resposta para o número de garotinhas assassinadas. O personagem tem, portanto, uma visão holística da vida, uma ciência e misticismo, e está sempre interessado em novas experiências e descobertas. No episódio piloto da série (*The X-files: pilot*), quando Mulder se encontra com Scully pela primeira vez, ele diz: “na maior parte do trabalho que faço, as leis da física quase nunca se aplicam”, deixando evidente sua credulidade.

A parceira de Mulder, Dana Scully, personifica o mito do cientista. A agente é o paradigma personificado do pensamento grego que ditou os parâmetros da ciência acadêmica contemporânea. Esse mito parte do pensamento lógico-racional grego que definiu a Antiguidade clássica pela busca de explicações concretas para todos os fenômenos inexplicáveis e mistérios da vida. A base do pensamento científico data de 624 a.C., quando o filósofo Tales de Mileto propôs uma investigação sobre os fenômenos naturais com base em explicações lógicas.

Pai da Filosofia grega e de toda a Filosofia ocidental, Tales foi o primeiro a se perguntar qual seria a causa última, o princípio de todas as coisas. Mas, ele buscava uma resposta que partisse, não

de princípios religiosos e míticos, que dominavam o pensamento da época, mas sim do pensamento lógico-racional, voltando-se para a natureza para encontrar provas autênticas que pudessem sustentar um princípio racional. Nesse caso sua resposta deveria estar naquilo que pudesse ser observável: o princípio de tudo seria, então, a água, o ar, o fogo e a terra.

Essa filosofia passou por modificações e, até o fim do século XV, levou o homem a ter uma visão de mundo *orgânica* cujos princípios se apoiavam na razão filosófica e na fé, em Aristóteles e na igreja. A natureza era vista dessa forma, orgânica, assim como as relações entre os homens. O principal objetivo da ciência medieval era compreender o significado das coisas e não exercer controle sobre elas. Naquela época os cientistas medievais consideravam as questões referentes a Deus, à alma humana e à ética como sendo da maior importância.

Com o princípio da era moderna, nos séculos XVI e XVII, o mundo “orgânico” desapareceu, dando lugar a uma noção de mundo mecanicista, em que a máquina representa a modernidade, passando a servir de parâmetro analítico-metafórico para o mundo e o homem. Na Idade da Revolução científica, a natureza passou a ser descrita matematicamente e o método analítico de raciocínio passou a ser vigente. Tal visão foi introduzida por duas personalidades de grande importância: René Descartes e Isaac Newton. Para Descartes, toda ciência é conhecimento certo e evidente, e a crença de que “o método científico é o único meio válido para a compreensão do universo” (CAPRA, 1997) tornou-se típica da cultura ocidental. O método cartesiano tinha como ponto principal a dúvida, ela é o centro do conhecimento, a partir do qual a investigação científica se origina.

O grande gênio da revolução científica (CAPRA, 1997), Isaac Newton, fez um completo estudo matemático sobre a ideia mecanicista da natureza. Sintetizando as obras de Copérnico e Kepler,

Bacon, Galileu e Descartes, ele formulou uma teoria matemática consistente que continuou forte até o século XX. Fez novas descobertas e melhorou o assim chamado método científico. Acreditava que o mundo só poderia ser desvendado através dos experimentos científicos, mas também possuía crenças em tradições esotéricas que o levavam a acreditar que a força da gravidade e as partículas eram criadas por Deus. E após tal constatação não era necessário fazer maiores investigações sobre as obras divinas. Assim, a concepção mecanicista da natureza pressupunha um determinismo em que a máquina do mundo tinha como princípio final um criador externo.

As novas descobertas científicas, no entanto, tornaram difícil a crença no deus que domina a existência dos fenômenos naturais. A visão científica mecanicista desvinculou-se do divino e pôs fim à espiritualidade do homem. Dessa forma, o racionalismo grego foi introduzido e ao longo do tempo passou a caracterizar o pensamento humano científicista, em que as respostas só podem ser encontradas na natureza, através da lógica e da razão, e não com base em princípios míticos religiosos. A vida deveria ser desvendada a partir de pistas e provas concretas. A ciência dita as regras e estas devem ser seguidas. O racionalismo clássico grego estende-se, assim, até os dias de hoje.

Scully é uma médica e isso intensifica sua conexão com o pensamento científico – Hipócrates foi o primeiro médico da história, e hoje os médicos recém graduados fazem o juramento de Hipócrates, uma forma de assumir sua total submissão ao pensamento racional grego.

Diferente de Mulder, ela precisa de provas concretas e lógicas para crer em qualquer categoria de fenômeno paranormal. É completamente cética em relação a eles, e mesmo quando provas são apresentadas, ela se nega a aceitá-las, e recorre à racionalidade para tentar enquadrá-las dentro de sua lógica científica. Não

está aberta a novas experiências, tem a mente fechada, limitada por padrões e preconceitos.

Também no episódio piloto, Mulder e Scully têm um diálogo que caracteriza precisamente o caráter racional de Scully e o alquimista que há em Mulder.

“Você acredita na existência de extraterrestres?”, pergunta Mulder. “Logicamente, eu teria que dizer não”. – Scully afirma e leva Mulder a redarguir: “Quando a ciência não nos dá respostas, não deveríamos buscá-las no sobrenatural?”.

Juntos, Mulder e Scully personificam o arquétipo do par supremo. O mundo está envolvido pelos opostos e eles estão presentes em tudo: dia, noite; calor, frio; bem, mal e o par supremo macho e fêmea, dentro do qual encontra-se outros opostos. Campbell diz que o macho é agressivo e a fêmea é receptiva, o macho é um guerreiro e a fêmea, sonhadora e daí provém o universo do amor e da guerra, que unidos são pura harmonia. Em *Arquivo X*, a presença do par supremo é mais um item arquetípico que colabora para o equilíbrio da trama. Mulder é crédulo e Scully, cética. A credulidade e o ceticismo são outro par de opostos que quando trabalham em parceria, como o fazem os agentes, conduzem à harmonia. Mulder equilibra o extremo ceticismo de Scully, e esta faz o mesmo com a credulidade exacerbada de Mulder. Juntos, o par supremo representa harmonia.

Por trás do *Arquivo X*, ou melhor, dos agentes Mulder e Scully, encontra-se a figura tenebrosa do Canceroso. Esse personagem é a representação de uma divindade maligna que tudo sabe, tudo vê e a todos manipula. Como o diabo do mito cristão, ou mais precisamente como *Angra-Mainyu*, divindade da mitologia persa, é o senhor da escuridão, da hipocrisia e da falsidade.

O Canceroso pode ser considerado como a representação de uma divindade devido à sua superioridade, sua onipotência e onisciência, e o mistério que envolve suas ações. Seu person-

gem é caracterizado por ter supremos poderes sobre o *Arquivo X* e todos aqueles que estão ligados a ele. Ele manipula seus subordinados num jogo de mentiras e falsidade, conhece a verdade sobre todos os fenômenos, mas a desvirtua devido a seus interesses misteriosos que nunca são desvendados.

Personifica o mal expresso, por exemplo, na divindade mitológica persa, *Angra-Mainyu*. Esta divindade provém do sistema religioso-filosófico chamado Zoroastrismo, cuja crença baseia-se no dualismo do bem e mal. O Zoroastrismo acredita num único deus, *Ahura Mazda*, como criador e provedor de todo o universo. Este representa o bem supremo que trava uma luta contra o princípio do mal, *Angra-Mainyu*, que representa a mentira, o mau governo, a rebelião, a doença e a morte.

O arquétipo representado pelo Canceroso é a personificação do mal. No cristianismo – que também possui a crença no dualismo bem e mal, Deus e o diabo – ele personifica o diabo e no Zoroastrismo, *Angra-Mainyu*. O princípio desses mitos é o mesmo, ou seja, a representação do mal em uma entidade individual. Este apenas recebe diferentes nomes e representações nas diferentes crenças e religiões, como disse Joseph Campbell, o princípio – o arquétipo ou “ideia fundamental” – dos mitos é o mesmo, mas para as diferentes crenças ele toma formas diversificadas.

Para completar a dualidade mitológica, temos então que, Mulder e Scully representam juntos o arquétipo do “bem” que age contra as forças do “mal” (personificadas pelo Canceroso). Os arquétipos bem e mal são um paradigma que tem grande representatividade quanto à influência no inconsciente coletivo humano. Encontrados na maioria das tramas cinematográficas e literárias, de forma discreta ou bastante acentuada, leva o espectador a desenvolver empatia pela obra. Esse maniqueísmo – doutrina religiosa pregada por Maniqueu, na Pérsia, século III da era cristã, cuja crença baseava-se numa concepção dualista do mundo como

fusão de espírito e matéria, representações respectivas do bem e do mal – transforma roteiros aparentemente simples em grandes sucessos de público. Um exemplo, são os desenhos animados dos Estúdios Disney. Neles o bem e o mal absolutos – em sua forma visivelmente destacada – travam uma luta arquetípica incessante.

O Diretor Assistente Walter Skinner representa o arquétipo da mãe. Primeiro porque sua figura busca estabelecer a ordem, mantendo seus filhos, Mulder e Scully, obedientes, ou seja, seguindo as normas do FBI para que não gerem problemas. E como a mãe de Moisés, dentro da mitologia bíblica, também coloca seus filhos em perigo com a intenção de ajudá-los. A história da bíblia conta que o rei do Egito, apercebido de que o povo de Israel era mais numeroso que a população de seu reino e que assim se tornava uma ameaça para o Egito, ordenou a seu povo que jogasse no Nilo todos os bebês homens que nascessem dos hebreus. No entanto uma mulher hebreia desobedeceu às ordens do Faraó:

E a mulher concebeu e deu à luz um filho; e, vendo que era formoso, escondeu-o por três meses. Não podendo, porém, escondê-lo por mais tempo, tomou um cesto de junco, calafetou-o com betume e piche e, pondo nele o menino, largou-o no carriçal à beira do rio (Êxodo 2:2-3).

O bebê dentro do cesto é Moisés. Sua mãe, com o propósito de salvá-lo da ordem mortífera do Faraó, coloca-o em perigo mais uma vez. O bebê fica à deriva no rio, indefeso, largado à sua sorte, mas recebe de sua mãe uma chance de sobreviver. Skinner sempre envia seus filhos ao perigo das investigações: quando eles vão além das expectativas e entram em enrascadas extraordinárias, como por exemplo quando ficam doentes, à beira da morte, Skinner faz o possível e o impossível para restabelecê-los, para salvar seus protegidos.

Garganta Profunda e X personificam o guia ou mestre que fornece informações, e às vezes enigmas, ao agente Mulder. Se esses enigmas são compreendidos e as informações bem empregadas, ele fica a um passo de solucionar o mistério. Mas nem sempre essas orientações são verdadeiras.

O arquétipo aqui personificado pelos informantes como sendo guias, mestres, sábios ou gurus remete ao *self* dos sonhos. Jung explica o *self* como sendo um símbolo da totalidade da mente humana. Ele é o núcleo mais profundo da psique, que nos sonhos de mulheres toma a forma de uma figura feminina superior, como uma feiticeira, sacerdotisa, mãe-terra, deusa da natureza ou do amor. E nos homens se manifesta como um guru, guardião, um velho sábio ou espírito da natureza. O *self* também é representado pelos Arcanos 0 e I do tarô, O Louco e O Mago. O Louco representa os impulsos inconscientes do homem enquanto o Mago é a consciência personificada. Juntos eles representam a totalidade da psique, o *self*. Estas personificações simbólicas do *self* surgem para auxiliar o ego – o consciente humano – a se libertar de traumas, a encontrar soluções para problemas cotidianos etc., ou seja, ele se manifesta para instruir, auxiliar, informar, iluminar o consciente sobre aquilo que o interessa profundamente ou que o aflige.

Uma jovem solitária, que sofreu uma decepção amorosa, encontra um mágico que viaja num barco. Ele é o “Espírito da Lua”, aquele que deu à humanidade todos os animais e que também garante boa sorte aos caçadores. Ele carrega a moça para o reinado dos céus. Uma ocasião em que a deixa sozinha, ela vai visitar uma pequena casa que fica perto da sua mansão. Ali encontra uma mulher minúscula, vestida com “a membrana intestinal de uma foca barbuda”, que previne a heroína para que se acautele contra o Espírito da Lua, dizendo-lhe que ele pretende matá-la. Arranja-lhe

uma longa corda pela qual a jovem poderá descer à Terra quando chegar a lua nova, que é justamente o momento em que o Espírito da Lua pode ser enfraquecido pela mulherzinha. A jovem desce pela corda, mas ao chegar à Terra não abre os olhos tão rapidamente quanto lhe fora recomendado por sua protetora. Por isto transforma-se numa aranha e nunca mais retorna à sua forma humana (FRANZ, 1991).

Este relato do sonho de uma paciente de Marie Louise von Franz ilustra o fato de que o *self*, quando personificado no sonho – aqui o self da psique feminina é representado pela mulherzinha vestida em membrana – não apresenta necessariamente conselhos e orientações positivas. Ela não salva sua protegida, mas pelo contrário, leva-a até uma armadilha. Aqui é introduzido o lado sombrio e obscuro do *self*, e como ele representa a força maior da psique, o seu núcleo, a revelação de seu lado negro pode levar a pessoa a desenvolver pensamentos megalomaniacos, como por exemplo, acreditar que conhece os enigmas do universo. Os sintomas são a perda do bom humor e afastamento das pessoas.

Através deste exemplo pode-se concluir que Garganta Profunda e X são a personificação do *self* de Mulder. O arquétipo que representam é o *self*. Eles trazem informações sobre o que se tornou a obsessão de Mulder – fenômenos paranormais e a conspiração por trás deles – e que nem sempre estão corretas. Algumas vezes, como no exemplo do sonho, os gurus confundem Mulder e o desviam de seus objetivos.

Descrição e análise dos episódios

Os episódios aqui analisados foram escolhidos por apresentarem rico conteúdo simbólico que torna possível uma análise de caráter explicativo e ilustrativo. Dessa forma, o leitor poderá compreender melhor os arquétipos, mitos e simbologia existentes em *Arquivo X*, identificando-se melhor com personagens que são exemplos mais próximos do cotidiano: um homem que se tatua, um garoto que representa o milagre divino e um senhor com o dom de ver o futuro. Personagens simples que ajudam a compor os mitos por trás de *Arquivo X*.

6.1 Nunca mais (*Never again*)

Episódio do 4º ano da série, veiculado nos EUA em 02/02/97

Um homem de aproximadamente 35 anos está num tribunal e assina contrato de divórcio a contra gosto. Aparenta estar deprimido e triste. Já num bar, ele pede mais uma bebida. O barman pede que pague a primeira bebida. Ele lhe entrega o cartão de crédito e encontra uma foto em que está junto de duas crianças, um menino e uma menina, seus filhos; depois, com o cigarro queima sua face na fotografia.

Quando sai do bar, vê uma loja de tatuagens. A vitrine da loja é iluminada por uma luz vermelha e envolta por desenhos de caveiras e demônios. Ele olha as tatuagens e fica particularmente interessado pela de uma garota, estilo *Betty Page*. Está chovendo, e um raio ilumina sua face e a tatuagem, indicando que eles estão predestinados.

Em seguida, já em seu apartamento, ele retira um curativo do braço direito e cai no chão, como se sentisse convulsões. E lá está, em seu braço direito, a tatuagem da garota. Ela tem os olhos azuis, boca num vermelho extremamente acentuado. Usa um brinco de argola também na cor vermelha. Seu cabelo é azul e está amarrado com uma fita branca de bolinhas vermelhas. Ela está piscando com o olho direito e abaixo dela há a inscrição: “Nunca mais”.

Os agentes Mulder e Scully estão investigando um caso sobre tecnologia alienígena. Quando entrevistam uma testemunha, Scully se mostra desinteressada e pensativa.

O rapaz da tatuagem, Eduard Jersey, está em seu escritório. Cansado e abatido ele conversa com uma cliente ao telefone, quando de repente ouve uma voz de mulher chamando-o de otário. Quando percebe que não se trata de sua cliente, sai em busca da voz pelas outras salas até agredir uma funcionária. Sua chefe o manda para casa.

No escritório dos agentes, Mulder diz a Scully que deve tirar essa semana de férias por ordens superiores, mas que a deixará encarregada de investigar o caso que envolve um dossiê sobre o suposto uso de engenharia alienígena. Ela deveria checar a identidade dos homens conectados que poderiam levá-los ao dossiê. Scully, ainda pensativa e distante, não demonstra interesse pelo assunto e de súbito pergunta a Mulder por que ela não possui uma escrivaninha própria. Mulder se faz irônico ao responder que com outra escrivaninha ficariam apertados e poderiam jogar batalha naval um de frente para o outro.

Quando Mulder lhe entrega as passagens para que vá à Filadélfia investigar o caso, Scully diz que não irá. Ele diz que ela está recusando uma missão, quando ela retruca que assim ele está agindo como se fosse seu superior. Mulder então diz que fez o impossível para reabrir este caso e ela deixa de lado. Diz que esse serviço é a sua vida.

Scully argumenta: “... e está se tornando a minha”. Afirma que perdeu a perspectiva de si mesma e que sua vida está estagnada. Gostaria de dizer que estão andando em círculos, mas a procura do caos encoberto na escuridão é um rumo sem fim, em que eles dão dois passos para frente e cinco para trás. Sua reflexão é sobre as investigações dos *Arquivos X*, que nunca os leva a respostas, mas sim a mais mistérios. Mulder em suas férias pretende descobrir um pouco de si mesmo, indo para um lugar de significado espiritual para ele e aconselha Scully a fazer o mesmo.

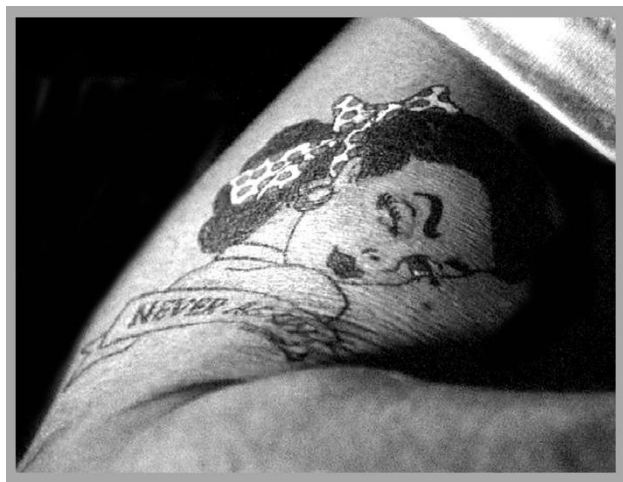
Ed, como todos o chamam, é demitido. Pede uma chance a sua chefe pelo telefone a qual ela lhe nega. Ele desliga após dizer “obrigado por tudo”. A voz feminina caçoa dele, exclamando que mais uma mulher o dispensa e ele ainda diz obrigado. Que, se fosse homem, mandaria ela “se catar” (na versão em português!).

Desesperado, Ed rasteja pelo chão à procura da voz que o enlouquece. Pensa que é a vizinha do andar de baixo que o está desmoralizando. Ele bate no chão e grita para que ela pare. A mulher aumenta o volume da música que ouve para disfarçar os gritos de Ed. A voz diz que a música fala sobre ele, quando testemunhas de Jeová batem à porta. Ed se mostra perturbado, fazendo com que eles se sintam impelidos a ir embora, a voz diz então que nem as testemunhas de Jeová querem perder tempo com ele, nem uma mulher quer, “mas você fica aí quieto! Mostra que é homem!”

Ed se revolta, vai até o apartamento da vizinha e arromba a porta. A mulher grita desesperada enquanto ele a ataca. A música alta ao fundo toca: “sabe... eu não sou diferente das outras pessoas. Começo a cada manhã e termino a cada noite... e fico muito solitário. Estou sempre sozinho. Onde está o amor. E quem é o amor. Eu preciso saber disso”. Ele leva o corpo ao sótão e o queima no incinerador. E a voz afirma: “Isso mesmo meu amor. De agora em diante eu serei sua mão direita. Você e eu. E ninguém irá machucá-lo. Nunca mais.”

Scully, em Filadélfia, está seguindo um dos suspeitos de seu caso, quando o vê entrar na loja de tatuagens. Ela entra na loja, e curiosa, aprecia as tatuagens expostas, demonstrando maior interesse por uma uroboros (serpente que morde a própria cauda formando um círculo).

Ed está na loja implorando ao tatuador para que remova a tatuagem de seu braço. Este diz que não pode, cada um tem a tatuagem que merece, e mesmo se concordasse em retirá-la, seria preciso esperar até que a pele se cure primeiro. Ele chama Scully para que veja a tatuagem e dê uma opinião. “Nossa!” Exclama ela. “A cor dos lábios é extraordinária.” Ed aparenta gostar de Scully. A tatuagem tem agora os dois olhos abertos, e a voz intimida Ed: “Achei que eu era a sua garota... estou enciumada... Não me trocaria por uma reles ruiva?”



Enquanto isso Scully conversa com o tatuador. Este explica que a tatuagem reflete no corpo o que vai na alma da pessoa. Todas as suas tatuagens foram feitas na prisão, e lá cresceu uma planta – acredita ser centeio – que utiliza para fazer a tinta usada especialmente para a tatuagem que Ed possui.

Scully não vê quando o suspeito chama o tatuador e em seguida sai da loja. Ed pergunta se ela aceita um conselho, afirmando em seguida que se deve pensar muito bem antes de fazer uma tatuagem, e que ele fez a sua por impulso quando saiu do bar “pé-sujo”, um bom lugar para ir quando se está deprimido. Scully diz que às vezes gostaria de ser impulsiva e mente que está em Filadélfia visitando uma tia. Ed pergunta se ela está interessada em sair para jantar. Ela diz que sim, mas vai embora naquela noite. Ele lhe dá seu telefone caso ela volte à cidade.

No hotel, Scully recebe uma ligação de Mulder. Ele quer saber informações sobre o caso. A agente diz que o entregou ao escritório local, pois os suspeitos estão envolvidos em extorsão e coisas do gênero, menos tecnologia extraterrestre. Seu parceiro quer ir até lá. Ela pergunta se ele não confia nela. Ele responde que sim, mas que precisa dela nesse caso. Scully afirma que não é só nesse caso que Mulder precisa dela, está tudo encerrado e quer desligar o telefone. Ele pergunta se ela vai namorar, e quando ela hesita, ele exclama: “Você está brincando”.

Ed, frustrado em seu apartamento, ouve a voz lhe dizer que é melhor estarem sozinhos – ele e a tatuagem –, pois as mulheres são todas fúteis. E “aquela cadela de hoje (Scully) é igualzinha a todas as outras”.

O telefone toca. É Scully. Seu voo foi cancelado devido ao mau tempo e resolveu ligar para ver se ele quer sair para jantar. Ed aceita e ao desligar o telefone ouve a tatuagem afirmar para ele ir em frente e encontrar essa bonitinha... “Beleza é superficial! Eu vou até o fundo!”. Ed queima a tatuagem com seu cigarro.

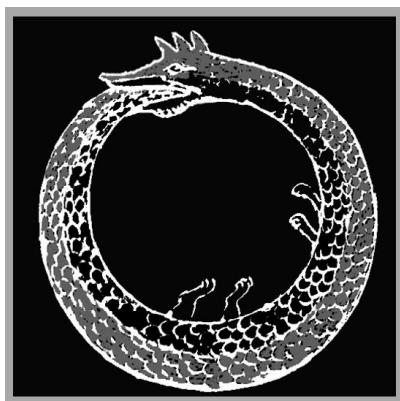
No apartamento de Ed, Scully percebe sua tatuagem sangrando. Enquanto ele se troca, ela vê sua foto com as crianças queimada. Então, pede a Ed para levá-la ao bar “pé-sujo” de que falara antes.

Já no bar ela pergunta por que parece bom estar lá quando se está na pior. Ed responde que é porque ali todos parecem ter

problemas piores que os seus, e assim, acaba se sentindo melhor. Scully acredita que não se pode dizer o que se passa na cabeça das pessoas só de olhar. Elas também pensam que estamos na pior. “E estamos?”, pergunta Ed. “Quem sabe?”, responde ela. Scully diz sentir que está sempre num círculo: quando alguém autoritário, dominador aparece em sua vida, parte dela gosta, precisa e quer consentir, mas... Ed pede uma explicação melhor. Scully conta que seu pai era um capitão da marinha, que ela o venerava, que, quando adolescente, roubava os cigarros da mãe e fugia para fumar, sabendo que se o pai descobrisse iria matá-la e... pela vida encontrou outros pais, outras pessoas autoritárias.

Ed comenta que ela parece entrar sempre num círculo vicioso, e que ele prefere a vida seguindo em linha reta, não gosta de voltar atrás e por isso fez a tatuagem para marcar um momento, a lembrança de algo que deseja não acontecer novamente. Neste instante Scully pede para ver a tatuagem. Ele se nega a mostrá-la, diz que só porque marcou um momento não significa que a tatuagem deu resultado e desafia Scully a tatuar-se também.

Na loja, Scully tatua a imagem da uroboros em suas costas. Ed fala que ela quer o mesmo vermelho que o da tatuagem dele. Pode-se ver o processo, a dor que ela sente e o sangue que escorre da tatuagem.



No apartamento de Ed, ele insiste para que ela passe a noite lá, pois o tempo piorou. Ele promete não fazer nada, e que dormirá no sofá. Pergunta a Scully se a tatuagem dói, ela responde que sim, e que, apesar de não vê-la, se sente diferente e não sabe explicar como.

A tatuagem de Ed sangra novamente, Scully tenta ajudar. A voz volta a dominar Ed quando diz: “tire suas mãos de mim”, fazendo-o segurar o braço de Scully quando esta o toca. Seus rostos ficam próximos. Novamente a voz o atormenta: “Está tendo pensamentos ruins, meu bem. Se a beijar ela morre!” Na manhã seguinte Ed acorda no sofá, tira a gaze que protegia a tatuagem e escreve um bilhete.

Batem à porta, Ed não está em casa. Scully se levanta para atender. São dois detetives investigando o desaparecimento da vizinha. Ela identifica-se como agente do FBI e pergunta se pode ajudá-los. Dizem que encontraram sangue no apartamento da jovem, sangue que não é dela e que apresenta uma toxina.

Scully anota a fórmula da toxina, e quando os detetives vão embora ela busca dados na Internet através do notebook de Ed. Verifica que a toxina é uma droga psicotomimética, auditória e psicótica, presente no centeio e em plantas relacionadas (enquanto lê, toca a tatuagem que fez na noite anterior, a uroboros com detalhes em vermelho). Liga para Mulder no escritório do FBI, mas quando ele atende Scully desliga.

No bilhete Ed escreveu que ia comprar o café da manhã. Logo ele chega e Scully conta sobre os detetives, o desaparecimento da vizinha e a presença de seu sangue no apartamento. Ed explica que se cortou ao ajudá-la com a mudança. Scully fala sobre a toxina que eles têm no sangue e, como provém do centeio, está na tinta das tatuagens (o tatuador disse que utiliza centeio para fazer as tintas). Insiste que devem conversar com os detetives devido à toxina. Ela pode levá-los a ter alucinações ergóticas auditivas,

visuais e a um comportamento totalmente anormal e perigoso, por isso precisam fazer exames num hospital.

Ed diz que não precisa disso e que para ele é um alívio poder contar para alguém que “ouve” a tatuagem. Em seu imaginário, lá no fundo, é muito mais que uma simples reação química. Ed insiste que ela fala com ele e que odeia mulheres... a esposa, a chefe, Scully... ela é muito ciumenta, o obriga a fazer coisas que ele não quer, controla-o, mas acha que Scully a fez ir embora. Ela propõe que busquem ajuda.

Enquanto Scully vai ao quarto para se trocar, a voz volta à mente de Ed: “Não está curioso para saber para quem ela ligou?!” Ele tecla “redial”. A telefonista diz ser do FBI. Ed então pergunta sobre Dana Scully, no que a telefonista pede para aguardar a transferência. Irritado pela mentira de Scully, Ed a ataca gritando “nunca mais!!” Ela cai inconsciente enquanto a voz diz a Ed para queimá-la, para fazer isso por ela. Já no porão, enquanto Ed abre o incinerador, Scully recobra a consciência e pede a ele para se controlar, pois está fora de si. A voz volta a pedir que a queime: “faz isso por mim, faz.”

Ed fica confuso, e num impulso brusco põe o braço tatuado nas chamas do incinerador. Scully tenta impedi-lo, mas ele a empurra. Grita de dor enquanto a tatuagem se queima.

De volta ao Bureau, Mulder dá as boas vindas a Scully e a parabena por aparecer pessoalmente, pela segunda vez, nos arquivos X. Conta que Ed está internado no Centro para Queimados São João na Filadélfia. Foram feitos exames que provaram a presença da toxina na corrente sanguínea de Ed, mas não o suficiente para causar ergotismo alucinogênico e que quando ele se curar será avaliado psicologicamente.

Ironizando, Mulder diz que o caso que investigava anteriormente foi encerrado, o que é uma pena, pois gostaria de fazer uma tatuagem no bumbum para comemorar a vitória dos Yanke-

es no campeonato. Scully permanece pensativa e indiferente a tudo o que Mulder fala. Ele pergunta se tudo isso é porque ele não lhe deu uma escrivadinha. Scully olha fixamente para ele e diz: “Nem tudo é por sua causa, Mulder. Esta é a minha vida.”

*Análise do episódio **Nunca Mais***

Eduard Jersey sofreu uma terrível perda. Com o divórcio ele perde a esposa, a quem aparentemente amava bastante, e também seus filhos. Com o propósito de dar fim a sua dor, ou até mesmo de marcar uma nova fase em sua vida, ele procura fazer algo “diferente”, que possa assinalar sua entrada nessa nova vida, ou, como o próprio Ed diz, algo que marque uma lembrança daquilo que não quer passar novamente. Por isso ele faz a tatuagem. Nesse contexto, o ato de fazer a tatuagem representa o arquétipo de iniciação, que tem como objetivo maior marcar um período de transição. O ritual da iniciação é elemento do mito, o ritual está no mito. Ao participar de um ritual você participa de um rito, como cita Joseph Campbell. Rituais de nascimento, de casamento ou de morte, são arquétipos de iniciação no sentido religioso. O batismo, a cerimônia de casamento, o velório são exemplos de rituais religiosos.

Para algumas sociedades primitivas o ritual de iniciação marca o rompimento do indivíduo com a infância e sua entrada no mundo adulto. O rito de iniciação é realizado através de uma provação do indivíduo, como um período de jejum, o ato da circuncisão, uma tatuagem ou um dente arrancado, e todos esses elementos são atos simbólicos que representam a morte, de onde surge uma nova atmosfera para o renascimento simbólico. O indivíduo morre simbolicamente como criança e renasce para a idade adulta. Jung explica esse rito como a “morte” temporária do jovem, em que sua mente se dissolve no inconsciente coletivo, para que

depois sua identidade, no ritual de renascimento, ressurgir para a vida em grupo, dos adultos. Diz ainda que esse rito de morte e renascimento existe até mesmo em sociedades mais complexas, sempre representando a passagem de uma fase de vida para outra. Em termos psicológicos, essa transição seria a morte do ego para o renascimento ou reconhecimento da psique total, sendo assim, entre as várias fases da vida o homem passa por momentos marcantes que são na verdade um ritual de iniciação.

Ed é um homem que fez seu próprio ritual de transição, a fim de “morrer” como esposo e pai que sofre profundamente pela perda, e “renascer” como homem maduro independente e determinado. Sua transição se dá entre o início da maturidade à idade madura, entre 35 e 40 anos, como exemplifica Jung. Ele se tatua e em seu apartamento, cai no chão como se tivesse convulsões que pode representar sua morte simbólica. A tatuagem é a figura representativa de uma mulher, afinal, com esse rito ele quer se libertar das mulheres, pois acredita que elas lhe fazem mal: a esposa que lhe deixou, a chefe que o despediu e até mesmo Scully, da qual desconfia até que finalmente se revela traidora por ter mentido sobre o FBI.

O fato de a tatuagem ser a representação de uma mulher remete ao arquétipo da anima. Jung define a anima como “a personificação de todas as tendências psicológicas femininas na psique do homem” (JUNG, 1991), a sensibilidade, a capacidade de amar, as intuições proféticas, sentimentos instáveis, são algumas dessas tendências. Nos sonhos esta entidade se manifesta na forma de feiticeiras ou sacerdotisas, mulheres que têm conexão com o mundo dos espíritos e forças das trevas. No tarô a carta que representa a anima é o Arcano II, a Grã-Sacerdotisa, como símbolo da intuição feminina presente na psique masculina que se contrapõe à razão.

A anima pode adquirir uma forma negativa, que provém da má influência da mãe sobre o indivíduo. Sob essa condição a ani-

ma se manifesta de forma irritada, insegura e susceptível. Traz à alma do homem pensamentos depressivos, tais como “não sou nada, nada tem sentido, nada me dá prazer”, que podem levar o homem à apatia, medo e até mesmo ao suicídio.

Aqui a alma é representada pela tatuagem, em sua forma negativa. No entanto, esse lado malévolo parece provir de uma má influência por parte da ex-esposa de Ed, pois ela causou o transtorno de perder aqueles que amava. Sua alma lhe traz também pensamentos destrutivos, quando, no escritório, chama Ed de otário ou quando o desafia a mandar a chefe “se catar” ao telefone. Ao invés do suicídio, aqui a alma controla a mente do indivíduo levando-o a matar a vizinha devido a sua insegurança interior, e depois a se autoflagelar, queimando-se no incinerador. Ao longo do episódio percebe-se o quanto a tatuagem, falando à mente de Ed, transmite ideias destrutivas que distorcem toda sua concepção da vida, que se torna mais e mais opressiva e triste, sem perspectivas de felicidade ao lado de uma mulher.

Quando o homem é capaz de dominar a alma negativa, ele se fortalece, mas o contrário pode destruí-lo, explica Jung, e uma alma com aspectos positivos é responsável, por exemplo, pela escolha da esposa certa. Nesse caso, retomando a origem da má influência que tornou a alma do personagem negativa, ela realmente pode provir de sua mãe – personagem que não está presente no episódio – cuja influência o levou à escolha da esposa errada, mulher essa que o deixou e acaba por acentuar mais suas restrições quanto ao sexo feminino.

Neste episódio a personagem Scully também busca a transição. No início, junto a Mulder, interrogam uma fonte, mas ela está dispersa, imersa em seus pensamentos. Questiona-se a propósito de sua vida e os *Arquivos X*: nunca encontram uma resposta, e a cada nova pista parecem se distanciar mais da verdade que procuram. Ela sente que sua vida está parada, estagnada, é

uma reta contínua que não leva a nada. Está entediada e afirma preferir andar em círculos a seguir uma estrada sem fim. Acredita estar sempre aprisionada a um relacionamento pai-filha: reverenciava o pai, capitão da marinha, homem exigente e autoritário. Ele morre, mas não se desvincula dele, encontrando em outros homens a mesma autoridade, o arquétipo do pai. Mulder é a representação desse arquétipo, no início do episódio, mostra-se autoritário ao mandar Scully investigar o caso na Philadelphia, e ao final, quando ironicamente sugere que Scully foi irresponsável ao se envolver com um desconhecido. Como um pai ele aponta sua desobediência quando ela se desviou de seu objetivo principal que era a investigação e também como um pai preocupa-se com o bem-estar de Scully.

Scully vê em Ed a oportunidade de mudar sua rotina. Ele se apresenta como um homem simpático, diferente do padrão com que é acostumada. Alguém que, como ela, está em busca de mudanças. Quando sai com Ed, quer ir ao bar “pé-sujo”, um lugar fora do comum para ela. Depois, Ed desafia Scully a fazer também uma tatuagem. Ela não reluta e logo se tatua com a figura de uma uroboros - a serpente que morde a própria cauda.

A serpente em si é um símbolo que representa o renascimento, ela se desfaz da própria pele para ressurgir numa nova vida. A uroboros é a imagem da vida que se finda para renascer numa outra geração. Como esclarece Campbell, “é a energia e a consciência imortais, engajadas no tempo, sempre jogando fora a morte e renascendo” (CAMPBELL, 1993). Jung explica que as serpentes, tanto quanto lagartos, peixes e qualquer criatura de vida intermediária, com hábitos aquáticos e terrestres, por exemplo, são criaturas transcendentais. A serpente é o símbolo que mais usualmente está ligado à transcendência. Foi símbolo do deus romano da medicina, Esculápio, e permanece como símbolo da

profissão médica, cujo significado terapêutico é explícito: morte-renascimento, enfermidade-cura.

Dessa forma, o fato de Scully tatuar a uroboros possui múltiplo significado. A serpente, como animal telúrico, pode simbolizar também o aprisionamento à terra, ao contrário do papel simbólico dos pássaros, que representam liberdade. Assim a serpente pode simbolizar o aprisionamento de Scully à imagem paterna, da qual quer se libertar. Como símbolo da medicina, a serpente está mais uma vez conectada à personagem, pelo fato desta ser uma médica, que acredita profundamente na eficiência da razão científica. E finalmente, fazer a tatuagem representa o arquétipo de iniciação, um rito, que marca sua transcendência de uma vida linear e sem expectativas, para uma fase diferente, pode-se dizer “circular”, em que sua vida pára a fim de renascer com novas perspectivas.

A uroboros curiosamente é o símbolo que identifica a série *Millenium*, também criada por Chris Carter, seguindo a linha de suspense e paranormalidade de *Arquivo X*.

A tinta das tatuagens dos personagens possui uma toxina que provém do centeio, capaz de causar alucinações auditivas, visuais e um comportamento violento. Essa toxina caracteriza melhor o ritual da tatuagem uma vez que drogas também são usadas nos rituais de transcendência de tribos primitivas. Os participantes as utilizam para entrar em contato com seu inconsciente a fim de que este transmita revelações sobre a vida e o espírito. O peyote é um cacto que possui em torno de 30 diferentes alcaloides, sendo a principal delas a mescalina. Esse cacto foi utilizado por índios Toltecas e Chichimecas em rituais religiosos devido a seus efeitos alucinógenos que acentuam cores, desenhos e formas, geram sensações auditivas e percepção distorcida do ambiente, sendo ingerido cru, seco, como pasta ou infusão. Encontrado entre a região central do México e sudeste dos Estados Unidos, o peyote foi

condenado como *obra do demônio* pelos colonizadores europeus e seu uso tronou-se proibido.

A mescalina pode, então, ser comparada à toxina presente na tinta das tatuagens, e dessa forma ser tomada como parte do ritual dos personagens. Quando Scully se tatua, Ed exige que o desenho seja feito com a mesma tinta vermelha usada em sua própria tatuagem, fato que prova que a substância faz parte do ritual.

Joseph Campbell aponta a contemporaneidade como vazia de mitos. Hoje o homem encontra-se à deriva, sem guias para a experiência da vida. Os guias a que se refere são os mitos, histórias da busca da verdade, de sentido e significação para a vida.

Atos destrutivos e violentos praticados por jovens que não sabem como se comportar numa sociedade civilizada são o resultado de uma sociedade que não abriga uma mitologia poderosa, exemplifica Campbell. Os adolescentes que crescem no Harlem – zona de alto índice de delinquência em Nova York, Estados Unidos – fabricam seus próprios mitos por conta própria. Eles têm suas gangues, suas iniciações e sua própria moralidade. São perigosos porque suas leis são diferentes das leis da cidade, pois não foram iniciados na nossa sociedade (CAMPBELL, 1993).

Nesse episódio fica claro que os personagens se sentem desorientados em relação à vida. Ed perdeu sua esposa e a fé no ritual do casamento e não acredita em nada que possa ajudá-lo, não há uma mitologia a que se apegar, mas ele sente que precisa preencher um vazio. Para isso recorre ao ritual pagão de tatuar-se. Ele faz da tatuagem o seu próprio ritual, sua própria mitologia, e acredita que isso poderá lhe mostrar um caminho. Acreditando nisso, ele leva Scully a fazer o mesmo, com a intenção de introduzi-la em seu mito. Scully, também desorientada, sem guia, se deixa levar pela crença de Ed.

6.2 Revelações (*Revelations*)

Episódio do 3º ano da série, veiculado nos EUA em 15/12/95

Na Primeira Igreja da Salvação, em Waynesburg, Pensilvânia, um pastor faz seu sermão, no qual diz que devemos testemunhar os milagres de Deus sem questioná-los. É errado pensar que as histórias da bíblia são apenas contos de fadas. Enfatiza que hoje as pessoas tendem a se amparar na ciência e no cinismo, precisando de provas para tudo o que veem, mas os milagres não são racionais. Quando profere o sermão, o pastor o faz com enorme dramatização, até que eleva seus punhos fechados e deles flui sangue, um teste da fé e dos poderes do todo poderoso, como ele mesmo diz.

Acabado o culto, o pastor está num camarim, onde limpa suas falsas olheiras, quando surge um homem à porta. Este se diz impressionado com o sermão e que muitos deles – os fiéis – ficaram impressionados, principalmente ele. Então, aproxima-se do pastor e o levanta pelo pescoço com apenas uma das mãos.

No local do crime, Scully acredita que o pastor foi estrangulado, mas também há vestígios de sangue no local. Mulder conta que os fiéis disseram que o pastor sangrou pelas mãos, como as feridas da crucificação, um sinal chamado estigma, que Deus concede aos íntegros. No entanto, não há cortes nas mãos do pastor. Mulder experimenta o sangue e verifica ser uma fraude, com muito açúcar. Amarrado ao corpo há uma bolsa plástica cheia de sangue falso. Mulder diz ser uma fraude como os outros. Ele está na pista de assassinatos que apresentam motivos religiosos, e nesse caso o assassino procura matar os estigmatizados.

Scully explica que de acordo com tradições religiosas, há um momento em que existem doze estigmatizados no mundo representando os doze apóstolos. Mulder diz não ser um dado com-

provado, afinal há muitos pretendentes, onze dos quais foram assassinados nos últimos três anos. Acredita que o assassino pode ser qualquer um, ou um fanático religioso que quer desmascarar as fraudes, ou um maluco que nutre um ressentimento mortal pela igreja, ou até mesmo um coroinha muito descontente. Para o agente, o assassino está cheio de rancor e, se não se engana, deve estar em busca da vítima número doze.

Numa escola em Ohio, a professora chama um de seus alunos ao quadro. Quando Kevin, que tem dez anos de idade, escreve no quadro negro, as palmas de suas mãos começam a sangrar.

A assistente social da escola viu o alerta do FBI sobre o assassino que mata pessoas que sangram as mãos e os chama para verificar. Conta que, no último ano, Kevin apareceu com ferimentos nas mãos e nos pés, e que a primeira suspeita foi a de um pai espancador. O pai do garoto foi preso, e a mãe conseguiu a guarda de Kevin. Um tempo depois o pai foi solto, mas acabou internado, pois se trancou em casa com o filho e ameaçou a polícia com uma arma, dizendo que devia protegê-lo, pois era o escolhido de Deus.

Scully conversa com Kevin e pergunta como fez os cortes. O menino se recusa a responder, pois acredita que todos querem que ele diga que foi seu pai. Ela diz que quer apenas a verdade. O termômetro na boca de Kevin explode, e ele insiste que não fez nada. A assistente social e Mulder acham melhor manter o garoto no abrigo para crianças, as feridas que tem podem ser interpretadas como tendo um significado religioso e devem se preocupar com a segurança dele. A mãe de Kevin está muito nervosa, diz que ele é um menino normal, que talvez tenha se machucado no playground. Sentindo-se ameaçada pela assistente social, diz que nunca machucaria o próprio filho. A assistente afirma que não sabem as causas dos cortes e que precisam de mais tempo para avaliar o que houve.

As mãos do menino realmente foram cortadas, o que verifica Scully. Mulder tem o palpite de que o garoto cortou a si mesmo para tirar a culpa do pai e assim, tê-lo de volta. Scully sugere que falem com o pai. Ele havia dito que o menino devia ser protegido, e talvez saiba de quem.

O pai afirma que o filho sangrou novamente. Scully pergunta como ele sabe disso, ao que ele responde que os crentes sabem. Fala que o menino corre perigo desde o dia em que nasceu. Pois eles o observam, as forças das trevas. Insiste com veemência que elas virão na forma de um poderoso e respeitado homem. Diz que essas forças querem reivindicar as almas, pois esta é a grande guerra entre o bem e mal. O Armagedom, diz Scully. O pai de Kevin faz-se entender que sim, mas que Deus encontrará alguém para impedir essa guerra, alguém forte o suficiente para fazer o sacrifício.

Sem paciência com a história, Mulder exclama: “E Ele escolheu você!” O pai do garoto diz ser apenas um mensageiro. Quando os agentes se viram para deixar o quarto, ele olha para Scully e fala que ela deve percorrer o círculo completo para achar a verdade. Ela não sabe o que significa, mas ele afirma que ela saberá.

No lar das crianças, Kevin conta uma história de horror para as outras crianças. Todos ficam tensos, quando de repente surge um homem careca, enorme e manco no quarto em que estão. As crianças se escondem. Apenas Kevin fica parado enquanto o homem toca suas mãos para ver os ferimentos e o leva. As crianças descrevem o sequestrador, do qual é feito um retrato falado. A mãe de Kevin, irritada, reconhece o homem do desenho como sendo Owen Jarvis, que se tornou seu jardineiro quando o marido foi embora.

Scully não acredita que ele seja o assassino, pois nas ocorrências anteriores ele nunca sequestrou nenhuma das vítimas. Mulder diz que nenhuma das vítimas era uma criança de dez anos de idade.

Em sua casa, no sótão, Owen diz a Kevin que não vai machucá-lo e só quer protegê-lo. Diz que ele é um garoto muito especial. O menino quer ir para casa, mas Owen grita que não vai deixá-lo ir embora: “Pense em mim como o seu anjo da guarda.” Os agentes chegam à casa, Owen tenta impedi-los de entrar, mas Mulder consegue rendê-lo. Scully vai ao sótão, mas quando Kevin a ouve subir, desaparece do local.

Eles interrogam Owen sobre onde está Kevin. Ele diz que não o machucou e que o garoto não pode ir para casa, pois lá não é seguro. “Só me pediram para protegê-lo”, diz. Mulder pergunta quem pediu. “Deus”, responde Owen. Mulder ri, e diz que Ele fez uma ligação interurbana.

Owen diz que ele não entende. Vira-se para Scully e diz que ela acredita nele. O crucifixo que usa na corrente é uma prova de que entende. E que só poderá ajudar Kevin se acreditar, pois até mesmo o assassino acredita. Acrescenta que segue as palavras Dele sem questionar, o que Ele pedir, fará, pois só quer ir para o céu. Ao terminar, Owen se joga pela janela. Ele sobrevive e foge.

Kevin está sozinho em casa quando o verdadeiro assassino derrete a maçaneta da porta e entra procurando pelo garoto. Este se esconde dentro de um cesto no armário, mas o assassino o encontra, pois viu sangue escorrendo pelo cesto. Nesse instante Owen ataca o assassino gritando para que Kevin fuja. Os agentes encontram Kevin, mas Owen está morto, com queimaduras no pescoço e um sorriso sutil no rosto. O garoto olha Scully, e pergunta se ela é a enviada para protegê-lo.

Ao fazer a autópsia de Owen, Scully nota algumas anormalidades no processo de decomposição do corpo. Após 14 horas o *rigor mortis* ainda não se manifestou e a temperatura interna do corpo permanece em 37°. Além de tudo, sente um perfume floral exalando do cadáver. Scully explica que o catecismo descreve momentos como esse, chamados “incorrutíveis”, em que os

corpos não se decompõem e emitem um perfume de flores, como com Santa Cecília e São Francisco. Mulder não dá crédito às suspeitas da parceira, para ele essas histórias são apenas invenções sem verdade histórica, tal como a ocorrência do estigma. Scully afirma acreditar que os atos de Deus podem ser testemunhados e que Ele pode operar milagres, sim.

“Mesmo que a ciência não possa explicá-los!”, enfatiza Mulder.

“Talvez isso seja fé”, diz Scully.

Para Mulder, são apenas fanáticos se comportando fanaticamente e usando religião como justificativa. Tão divinos como o catchup que encontraram no pastor.

Descobrem, então, digitais queimadas no pescoço de Owen. Não sabem como isso foi possível, mas puderam descobrir a quem pertencem: um negociante chamado Simon Gates, presidente de uma companhia com sede em Atlanta, um dos empresários mais ricos do sul.

Scully o associa ao que o pai de Kevin disse, é um homem poderoso e respeitado. Mulder conta que Gates foi preso há três anos por ter atropelado um garoto, deixando-o paralítico. Recebeu uma condenação com suspensão de pena e deixou o país, indo para Israel. O agente pergunta a Scully se já ouviu sobre a Síndrome de Israel. Ela diz que sim e explica que as pessoas que visitam a terra santa sofrem de ilusões religiosas induzidas pela viagem e voltam achando que são messias, Moisés, a Virgem Maria e até o próprio Diabo. No entanto, isso não explica como o assassino calcinou as digitais em Owen.

Mulder recebe a mensagem de que uma assistente social levou Kevin para almoçar e na mesma hora ele foi visto na rua com a mãe. Na estrada, o carro com Kevin e a mãe está com problemas. O assassino oferece ajuda, mas a mulher hesita. Kevin aparece perto de uma árvore e grita pelo homem, este joga a mãe contra o chão e começa a persegui-lo.

Ao mesmo tempo, Kevin está com sua mãe e a ajuda a entrar no carro. O assassino perde Kevin de vista e é atropelado pela mãe do garoto. Esta se descontrola ao volante, bate o carro e morre. Kevin está bem e pergunta a Scully por que aquele homem quer machucá-lo. Ela diz não saber, e o próprio Kevin responde que é porque é diferente, mas queria ser igual a todo mundo. Scully pergunta como ele é diferente. “Apenas sou”, diz o garoto.

Kevin reconheceu Gates como sendo o assassino. Mulder diz que Gates alugou um carro com o nome de Forau, um dos discípulos do Diabo. Scully quer Kevin junto com eles até que consigam pegar o assassino. No hotel, Scully vê um corte nas costas de Kevin, Mulder diz ser normal quando se sofre um acidente de carro. Mas Scully estava com os médicos quando o examinaram e tem certeza de que ele não tinha nada nas costas.

Scully viu que as feridas de Kevin sangravam como as da crucificação, percebeu outros sinais, mas não tinha certeza, e não tem, de como ele foi capaz de estar em dois lugares ao mesmo tempo, como um santo da Bíblia. Mais uma vez Mulder insiste que essas histórias bíblicas são apenas um tipo de metáfora para a verdade e que não possuem verdade em si. Eles ouvem um barulho no banheiro onde está Kevin. A porta está agora trancada, quando a arrombam, o menino não está mais lá. As barras da janela foram aquecidas e entortadas. Para Mulder, o assassino deve ter usado um bico de acetileno para abrir a janela. Scully afirma que não teve tempo suficiente para isso, pois ficara menos de dois minutos fora do banheiro. Sugere que falem novamente com o pai de Kevin.

Desta vez o pai de Kevin parece incrédulo, vê a foto do assassino e diz nunca tê-lo visto antes e se pergunta por que alguém quer machucar seu filho. Percebem que ele não sabe nada mais, não se lembra do que falou. Scully verifica que estão aplicando um forte antipsicótico nele e que agora aumentaram a dosagem.

Mesmo assim pergunta mais uma vez o que significa “percorrer um círculo completo para achar a verdade”. Mas o homem não consegue se lembrar.

Novamente Gates tenta alugar um carro com o nome de Forrau no aeroporto. Quando os agentes saem do quarto do pai de Kevin, Scully vê um latão com o símbolo de reciclagem, setas que formam um círculo. Lembra-se que Gates tem um fábrica de reciclagem e que Kevin deve estar lá. Mulder acha que não, se ainda não matou o menino, deve tentar ir o mais longe possível. Diz a Scully que ela realmente acredita ser a escolhida para proteger Kevin. Ela não tem certeza, mas se estiver errada sobre seu palpite encontrará Mulder no aeroporto.

Na usina de reciclagem, Gates diz a Kevin que o sol se transformará em trevas e a lua em sangue por causa do menino. Este pergunta se é por isso que ele quer machucá-lo. Gates fala que não é questão de querer, Kevin tem que morrer por todo mundo, pela nova era que virá. Os outros eram profetas falsos e ele é o único verdadeiro entre os doze. Scully grita para que Gates solte o menino. Ele se nega, diz ter sido chamado para fazê-lo e se joga junto com o menino numa máquina de triturar papel. Ambos caem, mas Kevin sobrevive agarrado à máquina.

Dois dias depois, Kevin agradece a Scully e diz que com certeza ela o verá novamente. E se despedem. Mulder a chama para irem à delegacia dar um depoimento sobre a morte de Gates, mas Scully tem outros planos.

Vai à igreja e conversa com um padre na cabine do confessorário. Pede a benção por ter pecado, pois há seis anos não se confessa e tem se afastado da igreja não sabe por que. Pergunta ao padre se acredita em milagres. Ele responde que sim, todos os dias vê o sol nascer, o nascimento de crianças, mas Scully está falando de outros acontecimentos, que desafiam a explicação, coisas que por exemplo levaram-na a salvar a vida de um menino.

Agora se pergunta se as viu mesmo ou se as imaginou apenas. O padre pergunta por que duvida de si mesma. Ela diz ao padre que há um homem com quem trabalha, um amigo, com quem costuma discutir essas coisas, e ele não as viu, ele não acreditou, apesar de sempre acreditar sem questionar.

O padre explica que talvez não era para que ele as visse, esses acontecimentos eram destinados a ela. Para Deus tudo é possível, e ela viu essas coisas porque precisava. “Pro meu caminho de volta”, pergunta ela. “Percorremos um círculo completo para achar a verdade. Por que isso a surpreende?”, fala o padre.

“Principalmente porque me dá medo”, diz ela. “Medo de que Deus esteja falando, mas ninguém esteja escutando.”

Análise do episódio *Revelações*

Em *Revelações*, o que predomina são mitos religiosos bíblicos. O primeiro deles, e de maior destaque na história, é o milagre do estigma. O estigma é conhecido como sendo as Cinco Chagas de Cristo, feridas que aparecem em cinco lugares do corpo, flanco, mãos e pés, das quais verte sangue e lembram as feridas da crucificação de Jesus. Pessoas que sofrem a Paixão de Cristo, os íntegros e benditos, sentem toda a agonia pela qual passou Jesus durante sua crucificação: a coroação com espinhos, o açoitamento, a dor de carregar a cruz, e claro as cinco feridas que o infligiram ao ser crucificado. Estas pessoas são os chamados estigmatizados.

Neste episódio de *Arquivo X*, Kevin é o garoto que sofre o estigma de Cristo. É um ser humano iluminado, um messias que possui as verdadeiras chagas do Senhor.

Ao redor do mito do estigma existe uma lenda que diz sempre haver doze estigmatizados no mundo, que juntos representam os doze apóstolos, e quando um deles morre, o dom do estigma é passado a uma nova pessoa. Nunca, porém, foi realmente com-

provado que a data da morte de um estigmatizado coincidiu exatamente com o surgimento de outro, mas a ocorrência de doze estigmatizados a cada período de tempo é um fato que realmente tem ocorrido nos últimos dois séculos. Não há explicação científica para o fenômeno, mas existem evidências que comprovam sua existência. Uma delas é Padre Pio da Pietelcina. Italiano de San Giovanni Rotondo, foi o primeiro padre a sofrer do estigma. Morto há 32 anos, Padre Pio conviveu com o estigma por 50 anos. Hoje o Vaticano estuda sua vida e feitos milagrosos a fim de consumir sua canonização. A trama do episódio cita 12 estigmatizados, dos quais 11 são comprovados farsantes já vitimados por um assassino serial. Ele mata a todos com o intuito de atingir o verdadeiro sofredor das Chagas de Cristo.

O assassino, Simon Gates, é um respeitado homem de negócios que vem aqui representar o aspecto mal da mitologia bíblica na pele de um discípulo do diabo, nomeado Forau. Mas como um homem de negócios passa a designar-se servo do mal? Aqui, mais uma vez, os mitos religiosos tomam partido para justificar a trama do seriado. Gates esteve recentemente em Israel, e, portanto, rendeu-se à conhecida Síndrome de Israel. Diagnosticada pelo Dr. Yair Bar-El, Diretor do *Kfar Shaul Meltal Health Centre* em Israel, a síndrome foi reconhecida e documentada como uma condição psicológica de turistas e peregrinos que visitam a cidade de Israel e de repente começam a acreditar que são na verdade personagens bíblicos mortos há séculos. Os personagens mais populares são Jesus e Moisés. Os que sofrem a síndrome saem às ruas pregando, vestindo robes brancos, até serem presos por perturbarem a paz da cidade. A síndrome costuma durar por volta de uma semana e atinge uma média de 150 pessoas por ano. Aqueles a que aflige não têm memória sobre seus atos messiânicos e acabam sentindo-se envergonhados pelo ocorrido. Raramente o doente desenvolve comportamento violento, como

ocorrido com Dennis Rohan, um turista australiano que pôs fogo na *Mesquita al-Aqsa*, templo mais santificado de Israel.

Mas, ao contrário do que geralmente ocorre, Gates acredita ser discípulo do diabo e, como tal, deve livrar o mundo daquele que representa a redenção, o escolhido do Senhor para ser o novo messias. E novamente encontramos a representação dos arquétipos bem e mal. Esse dualismo agora vem expresso por personagens religiosos: o messias ou iluminado, junto a seus aliados, Scully, Mulder, Owen etc., personificam o bem e lutam contra o demônio e sua destrutividade. Como se vê, o maniqueísmo está mais uma vez em *Arquivo X* colaborando para o envolvimento da plateia.

Aqui o personagem de Scully se envolve mais profundamente pelo mistério do estigma que Mulder. Os arquétipos que os agentes representam se invertem, Mulder é cético quanto à mitologia bíblica e Scully crente nos mistérios da fé. Mas a explicação para isso está no próprio arquétipo que Scully representa. Como dito anteriormente ela personifica a ciência, é o paradigma do pensamento racional-lógico grego, mas sua crença religiosa, presente não apenas neste episódio, remete a Isaac Newton, importante mente da revolução científica, cujas teorias eram embasadas na metodologia científica, mas quando suas experimentações finalmente encontravam limites, ou seja, quando o método científico se verificava como ineficiente para explicar determinados fenômenos, ele simplesmente remetia sua causa a Deus.

Assim a ciência estava unida à crença religiosa, ao tornar-se impossibilitada de desvendar mistérios da vida, afirmava que sua causa última provinha da magnitude divina. Esta forma de raciocínio circulou sobre os princípios de Newton, mas com o desenvolvimento da ciência o mecanicismo sobrepujou as crenças espirituais do homem, pondo fim à mistura ciência-Deus. Partindo disso podemos dizer que Scully torna-se susceptível às crenças

religiosas devido a essa abertura que a ciência um dia deu àquilo que assumia desconhecer. É uma médica, cientista, racional, mas se deixa tocar por mitos religiosos e por fenômenos milagrosos inexplicáveis. Isso também por ter sido criada dentro das rígidas tradições católicas, cujos ensinamentos conhece profundamente e cujas manifestações consegue enxergar nesse episódio. Ela se deixa levar completamente pelos mitos religiosos, o que a faz acreditar profundamente que é a escolhida para proteger o garoto estigmatizado Kevin.

Ao contrário dela, Mulder se mostra completamente cético, a mitologia bíblica não passa de metáforas e toda a trama pode ser explicada em moldes racionais: o garoto feriu a si mesmo e o assassino, com a Síndrome de Israel, acredita ser enviado do diabo, o que mostra que deve estar louco.

Quando Owen aponta Scully como escolhida para proteger Kevin ele vê o crucifixo que ela tem no pescoço e diz ser isso uma prova de que ela acredita que o garoto é realmente iluminado pelo Senhor. A cruz é um símbolo da eterna afirmação de tudo o que existiu e existirá, além de representar o calvário de Cristo, simboliza o mistério da presença e participação de Deus em tudo o que vive. É o principal símbolo da arte cristã: no início tinha forma equilateral, na cruz grega, e depois tomou sua forma latina em que o traço central se desloca para cima, representando a aproximação da fé humana à esfera espiritual. Portanto, aquele que usa esse símbolo como adorno e tem pleno conhecimento de seu significado, certamente acredita no poder do Senhor e suas manifestações, por isso Owen vê em Scully alguém que compartilha das mesmas crenças religiosas.

O pai de Kevin acredita ser um mensageiro de Deus e por isso foi internado. Ele diz a Scully que deve percorrer um círculo completo para achar a verdade. O círculo é um símbolo que está presente na arte, na arquitetura, em templos indianos, em gravuras

na rocha, nas pedras do calendário dos astecas, nos antigos escudos de bronze dos chineses, em desenhos alquímicos e até os magos traçam um círculo ao redor de si para realizar magia. O círculo representa totalidade, o princípio e o fim, a extrema e integral totalização da vida. É um símbolo arquetípico que, como explica Marie Louise von Franz, representa a totalidade da psique. Na seita zen o círculo simboliza o esclarecimento, iluminação, a perfeição humana. Está também nas rosáceas das catedrais católicas, cuja forma se assemelha a mandalas – do sânscrito, significa “círculo mágico” – e representam a transposição do homem para um plano cósmico.

Na arte pagã o círculo é conhecido como “roda-solar”, e estão gravados em rochas do período neolítico. Na arquitetura, o círculo apresenta-se como a base de construções sagradas para a maior parte das civilizações. Cidades medievais ergueram-se sobre a planta-baixa de mandalas. Para todas as crenças, na arte e na arquitetura, o círculo apresenta-se necessariamente com o mesmo significado, sendo uma imagem arquetípica expressiva de grande importância. Em *Arquivo X*, o círculo ilumina Scully a propósito da verdade. O círculo, que aparece como o símbolo da reciclagem, do eterno retorno da matéria para seu reaproveitamento, esclarece a mente de Scully sobre onde encontrar o garoto Kevin e assim salvá-lo. A comunhão entre sua psique e o cosmos torna Scully capaz de solucionar o enigma de percorrer um círculo completo para achar a verdade. A figura arquetípica do círculo, representando a totalidade da vida, contém todas as respostas e todas as questões, e aquele que participa dessa crença, que procura soluções, comunga essa totalidade. Scully acredita na pista do pai de Kevin, e o círculo a conduz pelo caminho certo.

Há outro objeto que, no contexto da trama, toma forma simbólica: o termômetro de Kevin. Termômetros de mercúrio são

assessórios que expressam enfermidade ou cura, mas nesse caso a simbologia que ele apresenta é diferenciada.

Sobre os símbolos, Jung afirma que não estão presentes apenas em sonhos, mas em todos os tipos de manifestações psíquicas. Na arte, literatura, cinema, teatro, ou seja, em toda forma de expressão do homem, tudo o que provém de seus pensamentos e sentimentos. Mas existem também atos simbólicos: quando objetos inanimados, em harmonia com o inconsciente, criam formas simbólicas. Jung cita casos em que relógios param exatamente no momento da morte de seus donos, ou também espelhos que se partem ou quadros que caem quando alguém morre. Tais histórias estão sempre acontecendo, e têm grande importância do ponto de vista psicológico, sendo em si uma prova de sua ocorrência. Um relógio que pára quando seu dono morre, torna-se um símbolo de sua morte, sendo o mesmo para espelhos e quadros.

Quando o termômetro que mede a temperatura de Kevin se quebra, isso não significa que ele esteja extremamente febril, mas sim, há algo diferente que o torna especial. A quebra do termômetro indica que o estigma é um fato, é um objeto que toma forma simbólica e passa a mostrar a verdadeira condição de Kevin como estigmatizado, iluminado, o escolhido por Deus.

Para completar a mitologia bíblica, o corpo de Owen não se decompõe normalmente, participando de um momento incorruptível, ou seja, o corpo de um santo permanece intacto após a morte e exala um perfume de rosas. O primeiro a não sofrer a corrupção dos corpos após a morte foi Jesus Cristo. O catecismo da Igreja Católica apresenta como prova de sua ressurreição o fato do sepulcro e panos que cobriam o corpo de Cristo estarem intactos. Owen era um homem religioso, acreditava no dom de Kevin e por isso deveria protegê-lo. Para os mitos bíblicos ele seria a representação do anjo, aquele que protege cada homem em particular a fim de encaminhá-lo para o bem, além de defendê-

-lo de seus inimigos invisíveis e visíveis. Nessa linha, Scully seria então a representação de um arcanjo, aquele que é enviado por Deus para missões especiais de grande importância para a humanidade. E essa missão é proteger Kevin acima de tudo.

6.3 O repouso final de Clyde Bruckman (*Clyde Bruckman final repose*)

Episódio do 3º ano da série, veiculado nos EUA em 13/10/1995

O Senhor Bruckman, homem que aparenta 60 anos, está numa loja de conveniência e compra um bilhete de loteria. Ao deixar a loja, esbarra num homem que se dirige à porta de uma vidente que lê mãos. É noite e há uma placa em néon de uma palma com um olho desenhado abaixo do polegar.

Madame Zelma, a vidente, pergunta o que o trouxe até ela. O homem parece desconfiado de sua eficácia e pergunta se ela realmente pode saber tudo sobre ele apenas olhando suas mãos. Ela responde que as palmas dizem tudo. O homem diz só querer saber por que é que ele fará todas as coisas que ele fará. Zelma se diz vidente e não psicóloga. Ele explica que teve uma previsão sobre seu próprio futuro e que se viu fazendo coisas que parecem fora de seu caráter, coisas que não gostaria de fazer e que não se imagina capaz de fazer, e no entanto, está lá, fazendo-as. Começa então a apertar as mãos de madame Zelma e fala que como vidente ela devia ter previsto isso. Enquanto ele a mata seus reflexos podem ser vistos na bola de cristal.

Três dias depois, investigadores estão num apartamento em que outra pessoa foi assassinada, lá só estavam seus olhos e vísceras. Eles comentam que esperam por um perito nesse tipo de caso. Por usar métodos pouco ortodoxos não é muito recomendado, mas desde que dê pistas sobre o caso, não lhes importa que seja excêntrico. Um dos investigadores diz já ter trabalhado com ele, e que é um tanto assombroso.

Nesse instante entram Mulder e Scully. Os investigadores que já estavam no local acham que o assassino é um satânico. Mulder começa a analisar o local e diz que satânicos levam os olhos e deixam o corpo, não o contrário. Perguntam se ele arranca os olhos por algum motivo. Scully acrescenta que ninguém faz nada sem motivo, o perfil do assassino já foi montado com especificação da natureza dos ataques e escolha das vítimas. Mulder explica que as vísceras são um sinal de antropomancia, a crença de que poderíamos mergulhar no próprio futuro vivicecando um ser humano e estudando suas vísceras. Assim é possível que o assassino mate para poder ver seu futuro, uma vez que todas as vítimas são videntes profissionais, esclarece. Um dos investigadores afirma que a vítima em questão era uma colecionadora de bonecas, não parece ter conexão com vidência.

Ela lia a sorte através das folhas de chá, expõe Mulder. Ele pega uma xícara sobre a mesa com o fundo cheio de folhas de chá e as olha atentamente. Após beber o chá pode-se ler sobre o futuro analisando a disposição das folhas no fundo da xícara. Acrescenta que não é muito convencido da eficiência desse método, mas que a vítima estava: as folhas de sua xícara dizem que ela ia ser morta.

Surge um tumulto à porta do apartamento, é o “Estupendo Yappi”, um desses videntes da TV. Ele é a ajuda que os investigadores locais pediram. Entra como uma celebridade, e exige silêncio. “Estou tendo visões, visões do assassino. Ele não consegue ter controle de sua vida... é muito importante. É por isso que ele mata”, diz o vidente. Perguntam-lhe se pode ver como é o assassino. Yappi então continua com sua dramatização: “Ele é um homem branco, com barba, ou não. Tem uma tatuagem... numa parte do corpo. Talvez é a tatuagem que tenha barba... eu acho”.

Mulder e Scully se entreolham ridicularizando tudo o que Yappi diz. Este então se cala, alegando ter perdido a visão pois

alguém o bloqueia com energia negativa. Olha estranhamente para Scully e então se vira abruptamente para Mulder, exigindo que ele saia da sala. Ele alega que faz parte da investigação e que pode assegurar que acredita na capacidade psíquica. “Você solta energia negativa”, insiste Yappi.

Mulder espera fora do apartamento até que Yappi termine seu espetáculo, e ao sair olha para Mulder e diz-lhe que céticos assim lhe dão nojo. Scully brinca com Mulder dizendo que é uma pena ele ter tanta energia negativa, pois perdeu um grandioso espetáculo. Um dos investigadores diz que ele entortou sua caneta.

Mulder alega que as pistas de Yappi são vagas e praticamente inúteis... o corpo será encontrado perto de uma árvore, onde há uma igreja ou escola próximas. Scully acrescenta que o fato de o assassino não controlar a própria vida é algo que acontece com todos. Algumas coisas podem vir a estar certas, mas a maioria são erradas, mas não se sabe qual é qual. O investigador diz que Yappi ao menos lhes deu pistas mais sólidas que o FBI. Pede licença pois deve procurar pelas pistas de Yappi: um homem branco, entre 17 e 34 anos, com ou sem barba, talvez com tatuagem e impotente. Scully chama Mulder para irem para casa, pois pelo que vê o caso já foi resolvido.

O Senhor Bruckman é vendedor de seguros e neste momento tenta vender uma apólice a um jovem casal. Estes afirmam não estar interessados pois querem comprar um belo barco. Bruckman insiste até que começa a ter visões. Daí diz ao marido que este deve perceber que suas responsabilidades para com sua família são mais importantes que suas necessidades recreativas, pois daqui a dois anos, ao dirigir pela estrada 91, voltando para casa com sua esposa e filha, ele baterá de frente com um Sedan azul 87 dirigido por um bêbado. O jovem marido ficará em petição de miséria após voar pelos para-brisas do carro, e nada mais

poderá ser feito. Bruckman volta a olhar o jovem quando este lhe diz que precisa aperfeiçoar mais sua técnica de abordagem.

Em sua casa fica enojado com um repolho podre dentro de sua geladeira, pois vê em seu lugar uma cabeça em putrefação. Vai até o apartamento de sua velha vizinha para recolher seu lixo e tem uma visão de que a cachorrinha, tão bonitinha, comerá, por falta de escolha, as vísceras da velha quando esta morrer e o animal ficar com fome. “Saia daqui seu monstro”, exclama ele à cachorrinha que se aproxima.

Ele desce com o lixo e encontra o cadáver de madame Zelma no latão de lixo. Um dos investigadores lembra que Yappi afirmou que o corpo tinha sido jogado fora, e então eles o encontram numa lata de lixo. Mulder diz, ironicamente, estar arrepiado. Scully sugere que interroguem o homem que achou o corpo.

“O senhor disse que não tocou no corpo”, afirma Scully. “Mas disse que o encontrou sem olhos. Ele estava de bruços, se não mexeu, como sabia que os olhos foram tirados?” Bruckman fica confuso, sem resposta, até que Mulder lhe pergunta como os olhos foram arrancados. Bruckman afirma que o fizeram com um pedaço de bola de cristal. Acharam fragmentos de cristal no corpo, mas como ele pode saber que eram de uma bola de cristal?

Hesitando novamente, Bruckman fala que se um homem vai matar uma vidente, é obvio que o fará com sua própria bola de cristal e usar um pedaço do vidro como faca.

Os agentes se mostram surpresos e perguntam o que mais ele sabe sobre o assassino. Clyde Bruckman sabe que um maluco tem matado videntes e arrancado seus olhos e vísceras. Como a imprensa ainda não tem conhecimento do caso, como ele teria essa informação, questiona Scully? Clyde desconversa, diz nunca ler jornais e se levanta para por um fim ao interrogatório. Mulder pede para que vá com eles até o apartamento da mulher que lia folhas de chá, morta naquela tarde. Ele acha que o assassino

é o mesmo e pergunta a Clyde se ele pode dizer algo sobre o caso e que não está sendo acusado do crime. Acredita que ele é capaz de ver coisas que nenhum deles é. Clyde finge não entender o que Mulder quer dizer com ver coisas que outros não veem, mas de repente começa a andar pelo local como se pudesse ver algo. Para Scully ele está apenas representando a peça que o outro adivinho, Yappi, mas de um jeito diferente. Para Mulder, algo lhe diz que Clyde é autêntico.

O Senhor Bruckman sai do banheiro e diz: “O assassino, ele não consegue controlar a própria vida”, nisso os agentes ironizam a situação. Clyde continua: “...ele não sabe o que é certo, mas acredita que age como uma marionete”. Como não pode descrevê-lo, Scully lhe põe em descrédito ao afirmar que pode ver dentro do assassino, mas não pode descrevê-lo. Mulder e Bruckman olham para Scully, esta se desculpa por ter sido “negativa”. Clyde não entende o que ela quer dizer com isso. Ele vê que o assassino faz sexo com a vítima, mas não é um estupro. Na verdade, ela parece estar incentivando o ato. O Senhor Bruckman suspira desapontado, no que Mulder pergunta o que há de errado. Ele apenas responde que todos parecem fazer sexo, menos ele.

Mulder quer saber por que o assassino está fazendo isso. Bruckman diz: “Por que as pessoas fazem as coisas que fazem? Por que eu vendo seguros... quem me dera saber. Por que essa mulher coleciona bonecas, o que houve na vida dela que de repente disse: bonecas! Pode ter sido uma série de coisas que começaram quando seus pais se conheceram, coisas que se combinaram de tal forma que no fim ela não teve escolha a não ser colecionar bonecas”. Clyde tem uma visão e diz que na manhã seguinte encontrarão o corpo de uma mulher perto de um gordo e branco soldadinho nazista perto do lago. O corpo flutua em suas águas.

No dia seguinte é encontrado o corpo no lago. Mulder busca no local as evidências ditas por Bruckman. Vê num tanque de

propano a semelhança com um soldadinho nazista gordo, mas Scully, cética, tenta convencê-lo de que a mente humana procura comparações para encontrar sentido em coisas que aparentemente não existem. Se o tanque não estivesse lá, a forma do soldadinho estaria numa rocha ou numa árvore. Mulder acredita na capacidade de Clyde, mas para Scully foi ele quem pôs o corpo lá, ou tem muita sorte.

Em seu apartamento, Clyde verifica seus números da loteria. Não acerta sequer um. Batem à porta, é Mulder. Clyde sabe a que veio. Achou a mulher onde havia indicado, crê que ele possui um tipo de poder psíquico e agora quer ajuda para encontrar o assassino serial. No entanto, Clyde não tem interesse em ajudar. Mulder diz que assim ele admite ter tal dom. Bruckman diz que tem sim, o problema é que não pode devolvê-lo.

O agente fica indignado pelo menosprezo de Clyde por um poder que tantos gostariam de possuir, inclusive ele mesmo.

Pergunta a Mulder se gostaria de saber quando vai morrer. Ele responde que sim, mas Bruckman desconversa falando que não saber tem suas vantagens e por isso um seguro de vida é tão importante. Quando começa essa divagação, Mulder diz que o assassino vai matar muitas outras pessoas se não ajudar. Clyde diz que ele matará, quer ajude ou não, pois como poderia ver o futuro se ele já não existisse? Mas então por que se preocupar em fazer algo, conclui Mulder? No entanto acha a atitude de Clyde inacreditável, pois o agente não pode ver as pessoas morrerem sem usar seus poderes nada sobrenaturais para interferir nesse destino.

Bruckman aponta isso como mais um motivo pelo qual não pode ajudá-lo, pois assim ele poderia estar afetando o destino do futuro. Quer dizer que a próxima vítima poderia ser a mãe da filha cujo filho inventará a máquina do tempo, aí esse indivíduo volta no tempo e muda o curso da história. Então Colombo não descobre a América, o homem não pousa na lua, os EUA

não invadem Granada... ou algo menos significativo, como o fato de meu pai não chegar a conhecer minha mãe e eu não nascer jamais. Quando pensa na hipótese de não nascer jamais, Clyde concorda em ajudar Mulder.

Depois que Clyde analisa várias provas relativas aos crimes, Mulder fica convencido de sua capacidade psíquica, no entanto ele só pode ver quando as pessoas vão morrer.

Scully traz outra evidência, um chaveiro encontrado em três vítimas, que pode levá-los ao assassino, o dono de uma empresa chamada Urano, especializada em fazer estratégias de mercado baseadas em previsões astrológicas e cujo logotipo está estampado nos chaveiros. Clyde segura o chaveiro e lhes diz que não o pegarão porque já foi assassinado e, mais uma vez, indica onde o corpo está.

A caminho do local, Mulder pergunta a Clyde como ele sabe onde está o corpo, se é uma visão ou apenas uma sensação. “Como vou saber? Apenas sei!” diz Clyde um pouco irritado pela petulância da pergunta. “Mas como é que sabe?”, insiste Mulder. “Eu não sei”. Responde secamente Clyde.

Na floresta em que procuram pelo corpo, o Senhor Bruckman conta que adquiriu essa capacidade depois de ficar terrivelmente obcecado pela ideia de a vida de uma pessoa depender da virada de uma moeda. Nos anos cinquenta era fã de um cantor que morreu num acidente de avião depois de ganhar a passagem no cara e coroa. Depois disso passou gradualmente a enxergar a morte das pessoas.

Mulder não compreende como ele pode ver o local, e não saber onde exatamente o corpo está. Clyde diz que não é capaz de ver a floresta através das árvores. Quando desistem de procurar, voltam ao carro e este está atolado na lama. Ao tentar retirá-lo, o vidente vê a mão do homem morto debaixo do carro, enterrado na lama.

Mulder mais uma vez pede a Bruckman que analise uma prova, um fio sintético. Ele não consegue ver nada através da prova, mas diz que pode ver algo que o assassino pode ver. É Mulder tentando pegá-lo numa cozinha. Mulder procura algo e o assassino está logo atrás dele e se aproxima com uma faca cheia de sangue. Mulder pisa numa torta e... Clyde vê o assassino cortando o pescoço de Mulder, mas não lhe conta. Pára dizendo que são visões de um louco. O vidente explica ter visto tudo isso devido à carta que recebeu do assassino. Ele diz querer respostas sobre por que vai matar Bruckman, e está ciente de que sabe sobre ele. Manda um alô para os agentes do FBI. Detalhe: a carta foi enviada antes que os agentes encontrassem Clyde pela primeira vez.

Mulder quer protegê-lo, mas ele explica que não importa o que façam, ele morrerá antes que peguem o assassino. Mais uma vez o assassino está com um vidente. Desta vez é um cartomante. Ele lê que o assassino está à procura de um homem especial com poderes especiais que pode lhe dar respostas, a carta que lê tem a figura do mago. O assassino explica que é apenas um homem que vai matar, deixando o cartomante assustado.

Scully está com Clyde num quarto de hotel, ela está estudando o caso, pois, referindo-se à capacidade psíquica de Clyde, não pode pegar o assassino baseando-se em visões. Clyde pergunta se ela está com ciúmes.

Na sala do cartomante, este diz ao assassino que nada faz sentido para ele, não sabe por que faz o que faz, está confuso e que sua confusão chega ao fim abrupto com a chegada de uma mulher, morena, loura ou ruiva. Conclui isso após retirar a carta dos amantes.

No hotel, Scully pergunta se Clyde pode ver seu próprio fim. Com um sorriso bonachão, ele diz ver o fim de ambos e que acabam juntos na cama. Scully fica desconsertada, ele lhe pede desculpas pois não queria ofendê-la, não foi bem aquilo que quisera dizer. Não era ali, naquela cama em que ele estava. Ele diz: “Nós

estamos numa cama juntos. Você segurando minha mão, me olha com compaixão e eu sinto as lágrimas no meu rosto... um momento muito especial que nenhum de nós esquecerá”.

Scully reage dizendo “É, senhor Bruckman! Existem acertos e falhas e acho que isso é uma falha”. Ele se defende: “Eu falo só o que vejo”. Nesse momento o assassino diz ao cartomante que é o melhor vidente que já visitou, mas que a última carta que vai virar é para ele mesmo. A morte.

Mulder troca de turno com Scully. Clyde não dorme pois sabe que Mulder quer lhe fazer mais perguntas sobre seu poder. Então ele começa arguindo se ele tem sonhos proféticos. Clyde diz que só tem um sonho todas as noites. Está deitado num campo cheio de tulipas e vê seu corpo deitado no chão. Ele se sente bem e seguro enquanto seu corpo entra em estado de putrefação. Ao virar pó sente-se completamente livre. Pela manhã Mulder e Scully vão verificar o local em que outra vítima foi encontrada. Um agente chamado Havez fica com Clyde.

No corredor do hotel Mulder diz estar perdendo a paciência com o psíquico, afinal de que servem as profecias se não são preventivas. Esbarram num camareiro – o assassino – enquanto Scully diz a Mulder que está simpatizando com Clyde. Não está convencida de que é autêntico, mas de que acabou com sua alegria de viver ao pensar que vê o futuro.

Havez, que fuma um cigarro atrás do outro, pergunta a Clyde se pode ver como morrerá. Ele diz que sim, e não é de câncer do pulmão. O agente sente-se aliviado e pede a Clyde para que não abra a porta para ninguém enquanto vai ao banheiro. O camareiro bate à porte, Clyde abre e não se vê mais nada.

No local em que o cartomante fora morto, Scully tem a sensação de que o camareiro é o assassino e volta correndo ao hotel. Mulder vai atrás dela. Scully encontra Havez morto no quarto, mas não há sinal de Clyde nem do assassino. Mulder espera pelo

elevador quando vê o camareiro pela janela da cozinha e corre para pegá-lo. O agente pisa na torta e exatamente nesse ponto o assassino o ataca com uma faca. Scully chega pelo elevador de serviço e atira no assassino, matando-o.

Procuram Clyde em seu apartamento. Está morto em sua cama com um saco plástico enrolado no rosto e um frasco de pílulas em sua mão. Scully se senta ao lado dele na cama e segura sua mão. Uma lágrima corre pelo rosto de Clyde. Scully fica entristecida.

Num quarto de hotel Scully assiste a um comercial do “Estupendo Yappi”, o vidente farsante. “Para ver hoje os segredos de amanhã é só ligar. Eu sei que fará, posso ver o seu futuro” diz o comercial. Scully parece hipnotizada, pega o telefone e o joga furiosa contra a TV.

Análise do episódio O repouso final de Clyde Bruckman

A principal personificação arquetípica presente nesse episódio é a do vidente. Ele é a representação da figura mitológica conhecida como Xamã. Na definição de Joseph Campbell, o xamã ou vidente é aquele que torna visível ou palpável o que é latente e existe em qualquer um, ou seja, como a inspiração provém do inconsciente e a mente das pessoas das mais variadas sociedades tem muito em comum – o que Jung explicaria como sendo os arquétipos – em relação ao conteúdo do inconsciente, o que se traz à tona é o que existe na mente de todas as pessoas. O xamã pode ser descrito como um médico feiticeiro que consegue entrar e sair de diferentes estados de consciência, trazendo ensinamentos e curas para si e para seu povo.

Suas práticas mágicas e sua intuição fazem dele um mestre da iniciação. (...) O xamã não é, portanto, apenas um habitante familiar daquelas esferas de poder que são normal-

mente invisíveis à nossa consciência, mas o seu próprio rebento favorito; nós só podemos conhecer estas esferas por meio de alguma breve visão, enquanto ele as freqüente como verdadeiro senhor (JUNG, 1991).

Em *Arquivo X*, Clyde Bruckman é um xamã, no entanto o nível de consciência com que mantém contato permite a ele ter visões apenas do dia da morte das pessoas e de sua própria morte. Jung explica que o inconsciente não possui apenas conteúdos de coisas passadas, além de memórias de um passado longínquo, ele também pode produzir novos pensamentos e ideias criadoras, e é aí que Bruckman entra em contato com o inconsciente, capaz de levá-lo à predição do dia final de cada um. Como um verdadeiro xamã, ele não nasceu com essa habilidade, esse dom. Foi algo que se desenvolveu durante sua vida, assim como explica a Mulder e Scully a respeito de sua obsessão sobre a vida depender de atos caóticos que fogem ao controle de qualquer um. Fixou-se tanto nesse pensamento que criou uma especial sensibilidade quanto ao inconsciente e os segredos que este guarda.

Bruckman sonha repetidas vezes com sua morte. Ele sabe como e quando ocorrerá, e seus sonhos são o reflexo inconsciente de um ciclo que deve completar-se. Jung acrescenta que sonhos repetidos podem ser o guia para o esclarecimento de problemas reais e/ou inconscientes. Ao sonhar o mesmo sonho, e a cada noite ele apresentar sutis ou grandes modificações, pode significar que o sonhador caminha em direção à solução de seu dilema. Caso o sonho persista, sempre igual, significa que o sonhador permanece estagnado sem direcionar sua mente e corpo para o fim de seu problema. Clyde tem sempre o mesmo sonho. Está morto, deitado num campo de tulipas vermelhas. Sente-se livre e alegre, e concomitante à aceleração da decomposição de seu corpo, sua sensação de liberdade aumenta mais e mais até

que tudo esteja acabado. Em seu sonho repetido, o xamã Clyde vê seu futuro, a solução para seu problema. Ele é só, infeliz e acima de tudo pode prever coisas ruins que acontecerão às pessoas ao seu redor. Sua morte, portanto, *é o fim de seus males. E seu sonho constante lhe mostra isso, ele repete o melhor caminho a ser seguido.*

O ritual de iniciação também está presente no episódio. Está nos procedimentos feitos pelo assassino antes e depois de matar sua vítima. O assassino é também um vidente, ele conhece seu futuro, mas procura a resposta de por quê fará coisas tão escabrosas uma vez que não se encaixam em sua personalidade. Para isso ele procura vítimas que sejam também videntes e que possam, talvez, esclarecer algo sobre suas atitudes. O ritual que se segue é o da escolha de um vidente como vítima, alguém que leia folhas de chá, uma quiromante ou um cartomante; pede à vítima que leia sua sorte, seu futuro; mata a vítima sempre arrancando seus olhos e retirando suas vísceras para praticar antropomania, a arte de ver o próprio futuro analisando as vísceras de um ser humano. O assassino pratica esse ritual a fim de compreender seu próprio eu e justificar seus atos. É um ritual de passagem em que o praticante procura entender sua psique, sua transformação e transcendência. Marca o rompimento com um ego benévolo, a transição para um ego malévolo e a busca de sua compreensão.

A última vítima, o cartomante, lê as cartas de tarô para o assassino e a última carta a ser virada é o arcano XIII, mais conhecido como A Morte. É constituída pelo desenho de um esqueleto que carrega uma foice com a qual ceifa. A carta representa um momento iniciático de fértil aprendizagem que pode ser interpretada pelos arbustos que nascem em grande quantidade num novo campo da existência. O número 13 significa a quebra da mandala – o círculo – levando à transposição da ordem. Mas a soma 1+3

leva novamente ao número 4, que representa uma nova dimensão da mandala, a reconstituição do equilíbrio.

Na trama, o arcano XIII surge para simbolizar a morte do cartomante, mas como visto acima, a carta indica o surgimento de uma fase de grande aprendizado para o assassino, em que transgride a ordem, mas mesmo assim é levado à harmonia. Ele compreenderá mais a si mesmo depois de matar e por fim à ordem, até que finalmente morre para que a ordem, a harmonia volte a se estabelecer. Outro mito presente é o da caça.

O mito básico da caçada traduz uma espécie de acordo entre o mundo animal e o humano. O animal entrega sua vida voluntariamente, compreendendo que essa vida transcende sua entidade física e retornará ao solo ou à matriz, por meio de algum ritual de restauração. E esse ritual de restauração se associa ao animal que, na caça, ocupa a posição mais elevada. Para os índios da planície americana era o búfalo. (...) Matar não é simplesmente abater, é um ato ritual, como é comer, quando você rende graças antes da refeição. Um ato ritual é o reconhecimento da sua dependência à voluntária doação desse alimento a você, pelo animal que cedeu a própria vida (CAMPBELL, 1993).

Este mito, o ritual da caça, permite visualizar por que, por exemplo, Scully matou o assassino e ninguém questiona seu ato. O assassino não é alimento, mas está estipulado na mitologia da sociedade, de regras subentendidas – e até mesmo legisladas – que se um indivíduo faz o mal, mata e destrutura a harmonia social, é permitido matá-lo sem que haja receios. Matar aqui representa, ao invés de saciar a fome, a libertação da sociedade de um mal que a aflige. É assumir que a morte de um assassino pode elevar o espírito daquele que o faz, sem que haja culpa e com o objetivo de libertar.

Considerações finais

Este estudo buscou mostrar como ideias primordiais ancestrais, chamadas arquétipos por Jung, podem fazer parte de uma obra de ficção, nesse caso uma série de TV, e assim influenciar a audiência através de sua identificação com símbolos universais que são, inconscientemente, do conhecimento de todos.

Concluimos que *Arquivo X* possui uma trama baseada em arquétipos, símbolos e mitos humanos, que mesmo não sendo explicitamente abordados nos episódios, tomam formas diferentes – arquétipos são ideias primordiais que recebem diferentes representações nas diversas sociedades, para diferentes crenças e seres humanos, e nesse caso, pelo criador e roteiristas do programa – e subliminarmente tocam o inconsciente das pessoas, chamando sua atenção e mantendo-as interessadas pelas tramas. Muitas outras obras baseiam-se em arquétipos, mas somente algumas possuem um equilíbrio especial que afeta, de forma mais eficaz, a sensibilidade inconsciente das pessoas.

Mesmo sem se aperceberem disso, os homens de hoje são muitas vezes vítimas desse interminável material icônico que acaba por constituir uma verdadeira construção mitagógica dentro de cujas malhas todos nos debatemos (DORFLES, 1965).

Chris Carter desenvolveu uma ideia partindo de outras e encontrou a melhor forma de adaptá-las para uma série de TV. Os arquétipos, símbolos e mitos entraram em harmonia, organizando-se num todo envolvente. Como Olavo de Carvalho observa em sua análise sobre *O silêncio dos inocentes*, todos os símbolos e

mitos de um filme muitas vezes não aparecem devido à intenção do diretor em caracterizá-los. O diretor e/ou roteirista cria uma ideia principal que contém itens arquetípicos mesmo sem idealizá-los. Outros símbolos surgem concomitantemente, fluem e entram em harmonia dentro de uma trama bem planejada.

Bem entendido, isto não significa que os caracteres particulares da arte e da literatura (e a sua interpretação) só possam ser entendidos unicamente a partir da sua base arquetípica. Todos esses campos têm suas próprias leis de atividade; e, como toda realização criadora, não podem ter uma explicação racional definitiva. Mas dentro do seu campo de ação podemos reconhecer as suas configurações arquetípicas como uma atividade dinâmica em segundo plano. E também podemos, muitas vezes, decifrar nelas (como nos sonhos) uma mensagem denunciadora de alguma tendência evolutiva e intencional do inconsciente (JUNG, 1991).

E estas *tendências*, como citou Marie Louise von Franz, podem estar presentes na mitologia de uma série de TV, que por nove anos procurou encontrar a verdade sobre mistérios sobrenaturais e também humanos.

Referências

- ARRUDA, Fausto Cruz. *Bíblia Sagrada*, versão em CD-Rom. Londrina, PR: Distribuidor Autorizado: Sebastião Osvaldo Arruda, 1999.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: DIFEL, 1985.
- BARTHES, Roland. Ao Sair do Cinema. In: *Psicanálise e Cinema*. Lisboa: Relógio D'Água, s.d.
- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- CAMPBELL, Joseph. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1993.
- CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- CARVALHO, Olavo de. *Símbolos e mitos no filme O silêncio dos inocentes*. Rio de Janeiro: Pegasus, 1994.
- CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DORFMANN, Ariel & JOFRE, Manuel. *Super Homem e seus amigos do peito*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- DORFLES, Gillo. *Novos ritos, novos mitos*. Lisboa: Ed. 70, 1965.
- ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- FROMM, Erich. *A linguagem esquecida*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

LOWRY, Brian. *Bastidores – O livro oficial da série Arquivo X*. São Paulo: Mercuryo Ltda, 1996.

MORIN, Edgar. *As grandes questões do nosso tempo*. Lisboa: Notícias, s.d.

SILVEIRA, Nise da. *Jung: vida e obra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

Sites

Alchemical Dictionary

<http://members.tripod.com/~nysticorax/terms.html>

Arquivo X (Brasil) - <http://br.geocities.com/daniarqx/index.htm>

Canal Fox (Brasil) - <http://www.mundofox.com.br/>

Carl Gustav Jung - <http://www.geocities.com/Vienna/2809/jung.html>

Programa das Nações Unidas para o controle internacional de drogas (Brasil) - <http://www.undcp.org/adhoc/brazil/tipos.htm>

Revista Planeta na Web. Artigo: *O Tarô e o caminho da individuação* (Brasil) - <http://www.terra.com.br/planetanaweb/>

The Catholic Encyclopedia (USA) – <http://www.newadvent.org/cathen/14294b.htm>

The Uroboros Symbol (USA) – <http://ldolphin.org/uroboros.html>

Episódios de Arquivo X

Corações de papel (Paper hearts). Escrito por Vince Gilligan. Dirigido por Rob Bowman. Primeira exibição em 15/12/96 nos EUA.

Nunca mais (Never again). Escrito por Glen Morgan e James Wong. Dirigido por Rob Bowman. Primeira exibição em 02/02/97 nos EUA.

Piloto (The X-files: pilot). Escrito por Chris Carter. Dirigido por Robert Mandel. Primeira exibição em 10/09/93 nos EUA.

Revelações (Revelations). Escrito por Kim Newton. Dirigido por David Nutter. Primeira exibição em 15/12/95 nos EUA.

O repouso final de Clyde Bruckman (Clyde Bruckman's final repose). Escrito por Darin Morgan. Dirigido por David Nutter. Primeira exibição em 13/10/95 nos EUA.

As ilustrações de Edgar Franco foram recriações digitais sobre fotos. São estas as fontes primárias das imagens:

“Uroboros”: site Gnosis

www.gnosis.art.pl/iluminatornia/gnostyckie_roznosci/uroboros_manuskrypt_grecki.htm

“Mulder”, “Scully”, “Mulder e Scully”, fotos cedidas por Corbis Bettmann/Everett Collection

Recolhidas do livro: *Anderson + Duchovny – Uma história extraordinária*, de David Bassom

“Tattoo”, “Garganta Profunda”, “X”, “Canceroso”: site The X-Files
DVD Screen Grab Archive

<http://xfphotos.fredfarm.com>

“Skinner”: site The X-Files Screen Caps – The Mitch Pileggi Collection

www.squidge.org/~xchick/mitch/x-files2.html



Ariadne Rengstl graduou-se em Comunicação Social pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), Brasil, com a pesquisa *Arquivo X: a verdade está nos mitos*, que posteriormente veio a resultar neste livro. É mestre em Língua Inglesa pela Universidade de Regensburg, Alemanha, e atualmente ministra aulas de English and American Cultural Studies em Regensburg. Como jornalista e pesquisadora, já publicou artigos em jornais, revistas e na internet. Mantém uma página no Instagram (www.instagram.com/adi.fran), na qual expõe suas produções fotográficas, assim como suas experiências e impressões sobre o cotidiano da vida no exterior.



A série Arquivo X possui uma trama baseada em ideias primordiais ancestrais, chamadas arquétipos por Jung, atingindo uma grande audiência em todo o mundo. Muitas obras baseiam-se em arquétipos, mas somente algumas possuem um equilíbrio especial que afeta, de forma mais eficaz, a sensibilidade inconsciente das pessoas.

